

ATOS DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

O autor dos Atos dos Apóstolos é, segundo a voz unânime da igreja antiga, Lucas, “o médico amado”, o amigo, companheiro e colaborador de São Paulo. O livro, segundo seu próprio testemunho, é uma continuação do evangelho de São Lucas. Cf. cap. 1. 1 com Lc. 1. 1-4. A todos aqueles que duvidam da autoria de Lucas, depois de comparar este livro com o terceiro evangelho e depois de notar a semelhança no estilo, na linguagem e no vocabulário, deve ser dito, como o diz certo comentarista: “A pergunta da autoria está entre Lucas e algum outro escritor; e o testemunho oposto, para ser conclusivo, devia citar este outro escritor.”¹⁾ Lucas teve a melhor oportunidade para conseguir sua informação das fontes mais autênticas, que eram os apóstolos, em especial do próprio Paulo, e por sua própria observação, como mostram as assim chamadas passagens “nós”. Quando se toma em consideração que o Espírito Santo, quando usou os escritores santos como suas ferramentas para redigir as verdades divinas, fez uso de seus dons naturais e de suas habilidades adquiridas, então se destaca de modo muito proeminente o “caráter Paulino” do livro. O livro dos Atos, qual o evangelho de São Lucas, é escrito a Teófilo, provavelmente um romano convertido que pertencia à classe mais rica e mais influente. Sendo assim, é dirigido principalmente a gentio-cristãos da Itália e de outros lugares, pelos quais podia ser entendido facilmente o grego em estilo fácil e fluente do Autor.

O alvo ou objetivo de São Lucas, ao escrever este livro dos Atos, aparece em cada capítulo e quase em cada página. Queria relatar, em primeiro lugar, a maneira em que o dom do Espírito Santo foi concedido no dia de Pentecostes, e que o trabalho subsequente dos apóstolos foi inteiramente devido à agência e ao ministério deste. Esta característica é tão proeminente, sendo o Espírito e sua obra mencionados umas setenta vezes, que certo mestre da igreja chamou o livro o evangelho do Espírito Santo. Com este aspecto está intimamente unido o fato que todos os acontecimentos da história da igreja antiga são baseados sobre a ressurreição de Jesus Cristo, são evidenciados como resultados dela. Por este motivo outro mestre da igreja antiga chamou o livro a Demonstração da Ressurreição. Mas, em segundo lugar, Lucas quis dar um relato da difusão do cristianismo, não só entre os judeus, mas também entre os gentios, por meio dos esforços missionários dos apóstolos. “A nota dominante do livro é a causa missionária.” O livro de Atos quer suplementar a história de Jesus, como encontrada no evangelho de Lucas, com uma história dos apóstolos, e dar um relato escrito do progresso vitorioso do evangelho de Jesus desde Jerusalém, a capital dos judeus, até Roma, a capital do mundo. Mas há também evidente um terceiro propósito no livro de Atos. “Devias ler e considerar este livro não meramente como o registro de Lucas dos feitos pessoais ou da história dos apóstolos, mas o ponto que deves notar antes de tudo é este, que São Lucas com este livro ensina a toda a cristandade até o fim do mundo o artigo que é verdadeiramente o principal da doutrina cristã, que nos diz que precisamos ser justificados tão só pela fé em Jesus Cristo, sem a lei ou de nossas próprias obras.”²⁾ Daí o uso freqüente da palavra “graça” e a contínua referência às boas novas da misericórdia de Deus em Cristo Jesus.

Sobre a época quando o livro dos Atos foi escrito, é provável que foi escrito logo depois do evangelho e antes da destruição de Jerusalém, mas não muito tempo antes do ano 70 A.D. Seus versículos finais indicam que deve ter sido escrito antes da morte de São Paulo, que ocorreu em 67 ou no começo de 68. Reunindo tudo, a conclusão parece bem fundada para assumir o ano 65 como a data da composição e Roma como o lugar disso.

O livro de Atos, sem grande esforço, é dividido em duas partes principais. Lucas fala, na primeira divisão, da história geral da igreja cristã até a morte de Herodes, (cap. 1. 1-12.25). Esta parte novamente pode ser subdividida, visto que o autor relata, antes de tudo, a história inicial da congregação de Jerusalém (1. 1-8,4) e a seguir a difusão da igreja através da Judéia, Samaria e regiões ao redor (8.5-12.25). A segunda divisão principal do livro traz um relato da vida e dos esforços do apóstolo Paulo. Nisso temos, em primeiro lugar, uma história das

¹⁾ McGarvey, *New Commentary on Acts*, X.

²⁾ Lutero, *14*. 92.

viagens missionárias entre os gentios até sua visita a Jerusalém (13. 1- 21.16). E o fim do livro dá a história dos seus cinco anos de prisão.

“Vemos no livro dos Atos como a igreja de Cristo foi formada e estabelecida. Os apóstolos simplesmente proclamam a verdade de Deus sobre a paixão, morte, ressurreição e ascensão de Cristo; e Deus acompanha o testemunho deles com a manifestação de seu Espírito. E qual foi a consequência? Milhares reconhecem a verdade, abraçam o cristianismo, e publicamente o professam ante o risco mais iminente de suas vidas. A mudança não consiste numa mera mudança dum sentimento religioso ou de um modo de culto por um outro; mas uma mudança de temperamentos, de paixões, de prospectos, e de conduta moral. Antes, tudo era terreno, ou animal, ou diabólico, ou tudo isto em conjunto; agora, porém, tudo é santo, espiritual e divino: a influência celeste se amplia, e nações são nascidas para Deus. E como se concretizou tudo isto? Não pelo poder nem pela força; não pela espada, nem pela autoridade secular; não por meio de estímulos e esperanças mundanas; não por fraudes piedosas ou astuta manha; não pela força de persuasiva eloquência: numa só sentença, por nada outro do que somente pela influência da própria verdade, apresentada ao coração pelo poder do Espírito Santo.”³⁾)

Capítulo 1

A Ascensão De Jesus. At. 1. 1-11.

O último mandamento de Jesus: *V. 1) Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar, 2) até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. 3) A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus. 4) E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. 5) Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.* Lucas produzira “O primeiro livro”, o primeiro tratado, a saber, seu evangelho, ao qual evidentemente aqui se refere. A presente história é uma continuação da narrativa do evangelho; tal como o primeiro escrito dera um relato do ministério de Jesus, assim o presente livro deve dar o relato das atividades de seus ministros. Este livro, tal como o evangelho, é endereçado e dedicado a Teófilo, que muito provavelmente era um cidadão de Roma, que detinha elevada posição oficial, provavelmente no posto de cavaleiro, e que residia na metrópole imperial. Lucas falara de tudo no evangelho; dera um relato completo das atividades de Jesus. A frase “começou a fazer e a ensinar” é uma expressão idiomática, significando “tanto fez como ensinou” em nossa língua. Há, porém, aqui também uma indicação do fato que Jesus começou o trabalho do evangelho e confiou sua continuação a seus discípulos. O ensino de Jesus continuou, de certo modo, mesmo depois de sua ressurreição, ainda que ele então já não mais falou ante o público em geral, mas somente aos cristãos. Nos dias antigos, até o dia de sua ascensão – e em especial neste dia – ele comissionou os apóstolos, ou lhes impôs uma obrigação infalível. Ele deu este comissionamento, de acordo com a íntima união estabelecida na Divindade, não de modo independente, mas através do mesmo Espírito divino que eles receberam numa maneira extraordinária pouco depois de sua ascensão. Todas as ligações de Jesus com seus discípulos são transmitidas através da mediação do Espírito, que ele soprou sobre eles na noite da páscoa, Jo. 20.22. Notemos a distinção: Jesus escolhera os discípulos dentre o mundo ímpio, e escolhera os apóstolos dentre as fileiras dos que creram. A estes últimos foi confiada a especial comissão apostólica. Nesse tempo o próprio Jesus foi levantado, foi levado às alturas, experimentou sua ascensão como um ato do Pai. Mas, no intervalo entre sua ressurreição e ascensão, Jesus aproveitou um número de oportunidades para se mostrar aos

³⁾ Clarke, *Commentary*, 5. 680.

discípulos como seu Salvador vivo. Eles o haviam visto sofrer; haviam recebido a evidência de sua morte. Deu-lhes, por isso, não só uma, mas muitas e inegáveis provas de sua ressurreição dentre os mortos. Por um período de quarenta dias foi por eles visto em muitas ocasiões. Em cada nova aparição havia mais outro elo na corrente de persuasão íntima, ou uma evidência certa que ele estava vivo. Apareceu a Maria Madalena, Jo. 20. 14-18; às mulheres quando retornavam do sepulcro, Mt. 28. 9, 10; aos discípulos de Emaús, Lc. 24. 25; a Simão Pedro, Lc. 24. 34; aos dez apóstolos, estando presentes também outros, Lc. 24. 36; Jo. 20. 19; aos onze discípulos uma semana depois, Jo. 20. 26; a sete dos apóstolos na Galiléia, Jo. 21. 4; a Tiago e mais 500 irmãos em outra ocasião, 1.Co. 15. 6, 7; aos discípulos reunidos no dia da ascensão, Lc. 24. 50. Notemos: Não há qualquer discrepância entre Lc. 24. 43-51 e a presente passagem, pois no relato anterior Lucas condensou os encontros das duas aparições, enquanto que nesta narrativa ele observa a distinção. Em cada aparição do Cristo ressurreto, sua conversa e exortação aos discípulos diziam respeito às coisas do reino de Deus, confiou-lhes o encargo de suas verdades e ordens. Os apóstolos e todos os discípulos do Senhor devem proclamar por palavras e por atos a este reino. Aquela uma e grande mensagem da igreja de todos os tempos deve ser a aceitação de Jesus o Redentor pela fé, com o que o cristão se torna um membro do reino de Deus.

Lucas, tendo assim resumido os eventos dos quarenta dias situados entre a ressurreição e a ascensão, agora continua dando o essencial da conversa que ocorreu no último dia do Cristo visível na terra. Neste dia Cristo reunira pela última vez seus discípulos, não só os apóstolos, mas todos os cristãos, uma grande multidão, conforme o expressa o termo grego. Foi nesta ocasião que Jesus cobrou da congregação reunida de cristãos, numa ordem muito enfática, a que não saíssem de Jerusalém. Lá deviam permanecer e esperar pela promessa do Pai, a promessa do Espírito Santo que lhes dera na noite antes de sua morte, Jo. 14. 26; 15. 26, 27; 16. 12, 13. Haviam ouvido esta promessa, e dela ele os recorda. E ele os lembra dum outro fato. O batismo de João só fora com água, e apontou para frente a um outro e maior batismo do qual João falara, dum batismo com o Espírito Santo e com fogo, Lc. 3. 16. A extraordinária comunicação dos dons do Espírito Santo devia ocorrer, como Jesus promete, daí a não muitos dias, ou seja, não muitos dias depois. A profecia de Joel 3. 18 estava para se cumprir. Observamos que Jesus tanto acende uma aspiração feliz nos corações dos discípulos e um desejo pelo dom maravilhoso que agora está tão próximo, como também exercita a fé dos apóstolos em sua palavra.

A última promessa do Espírito Santo: *V. 6) Então os que estavam reunidos lhe perguntavam: Senhor, será este o tempo em que restauras o reino a Israel? 7) Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade; 8) mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.* Quando Jesus se referira à proximidade da grande revelação dos dons do Espírito, os discípulos, cujas esperanças por alguma forma dum reino temporal sob a liderança de Cristo fora reacendida desde sua ressurreição, pensaram que ele se referia a esta consumação feliz de suas esperanças. Por isso, os que se haviam reunido, provavelmente em Jerusalém, fizeram ao Senhor a pergunta: Restaurarás neste tempo o reino a Israel? Suas mentes haviam retornado completamente à compreensão terrena e carnal. Entenderam as profecias antigas e as promessas do Senhor sobre a restauração do reino a Israel, para serem cumpridas por meio do total aniquilamento dos inimigos de Deus e pela completa vitória dos judeus. Suas tolas idéias não foram dissipadas eficazmente até que o Espírito de Pentecostes foi derramado sobre eles. Ainda que a pergunta dos discípulos fora feita em total sinceridade e bom-senso, ela, depois de todo ensino paciente de Jesus, implicava numa falta imensa duma correta compreensão. Por isso sua resposta é, de certa forma, uma repreensão. Pois ele os refere ao verdadeiro reino messiânico, ao futuro reino da glória, que será muito confortador para aqueles que devem participar nesta ventura com seu Redentor, que verá a plena revelação da majestade de Cristo diante dos olhos de todas as pessoas. Aqui Jesus resguarda a prerrogativa real, os direitos exclusivos do Pai. Não é tarefa dos discípulos saber os tempos e as épocas, sejam críticos ou de outro modo, que são controlados pela autoridade exclusiva e o poder do Pai. Este tempo e hora extremamente críticos, que decidirão o destino da humanidade, não cabem a eles inquirir. Notemos: Tudo o que pertence à revelação da majestade de Deus não devia ser aos cristãos um assunto de aflição

meditação; tanto o governo do mundo como da igreja e a revelação da glória futura estão em suas mãos, para serem revelados a seu tempo. Jesus, ao contrário, lembra os apóstolos que irão receber, lhes será dado poder, força, que deviam exercer e aplicar nas tarefas comuns de seu chamado. Este poder lhes seria dado quando o Espírito Santo desceria sobre eles. Evidentemente se pensa no poder de serem testemunhas eficazes de Cristo. Cheios desta força do alto, os discípulos deviam testemunhar, deviam relatar o que haviam visto e ouvido de Cristo, cuja mensagem deviam proclamar e que devia ser o conteúdo de sua mensagem. Sua obra devia começar em Jerusalém, mas não se restringir a esta cidade. A influência deles devia avançar em círculos sempre maiores, em virtude do poder que pelo Espírito Santo lhes foi dado, pela Judéia, Samaria, e até aos confins do mundo. Não há nem limite e nem fronteira para o evangelho de Jesus Cristo. Notemos: Até aos nossos dias os cristãos têm o mesmo chamado e a mesma promessa, mas também precisam observar a mesma ordem, para serem testemunhas de Cristo, de sua salvação, até aos recantos mais remotos da terra.

A ascensão de Cristo: *V. 9) Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos. 10) E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles, 11) e lhes perguntaram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir.* Jesus havia concluído as palavras de sua última ordem aos discípulos; confiara-lhes a pregação do evangelho a todas as nações, Mt. 28. 19. Mas, enquanto em ardente expectativa fitavam o olhar nele, desejando ouvir de sua boca mais palavras de consolo e fortalecimento, ele foi erguido diante deles. Ele estava no ato de abençoá-los com mãos erguidas, quando deles foi levado. Esta é a figura de Cristo em que ele está de mãos estendidas em bênção sobre eles, que devia ser especialmente cara na memória dum cristão. E uma nuvem, que é o símbolo de glória divina, uma verdadeira carruagem real, ocultou o Mestre da vista dos discípulos ao entrar no seu recesso (cf. tx.: as He entered its bosom). Não houve qualquer engano, nem qualquer ilusão ótica; a ascensão de Jesus é um fato histórico que não pode ser colocado em dúvida. Subiu o Senhor por entre aclamações, ao som de trombeta, Sl. 47. 5. Ele ascendeu às alturas e levou cativo o cativo, Sl. 68. 18. Ele despojou principados e potestades, ele os expôs publicamente, triunfando nisso sobre eles, Cl. 2. 15. Ele ascendeu acima de todos os céus, para que enchesse todas as coisas, Ef. 4. 10. O Filho do homem, por sua exaltação e ascensão, também segundo seu corpo humano, entrou no uso pleno e ilimitado de sua onipresença divina. Por isso sua graciosa presença está assegurada à sua congregação na terra. Ele está agora mais perto dos seus cristãos do que esteve aos seus discípulos nos dias de sua carne. Ele esta agora sentado à mão direita de seu Pai celeste. Ele, como nosso irmão, assumiu o uso pleno do poder e majestade divinos. Ele reina com onipotência sobre todas as coisas, mas em especial também sobre sua igreja. Deus colocou todas as coisas sob seus pés, e o deu como cabeça sobre todas as coisas à igreja, que é seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, Ef. 1. 22, 23. Ele congrega a si, por meio de sua palavra e dos sacramentos, uma congregação e igreja na terra. Ele trabalha em e com seus servos; ele governa em meio aos seus inimigos. Ele preserva e protege sua igreja contra todos os inimigos do mundo hostil e contra os próprios portais do inferno. E sua intercessão diante de seu Pai celeste torna nossa salvação uma certeza, Rm. 8. 34.

Enquanto os discípulos, com olhar saudoso, ainda estavam olhando pelo seu Senhor, repentinamente apareceram dois homens em trajes brancos, em vestes brilhantes, que foram dois anjos que recém haviam atuado como séquito do Senhor vitorioso. Estes anjos tiraram os discípulos do devaneio em que haviam mergulhado quando estavam de olhos fitos pelo seu Senhor. Os mensageiros celestes, dirigindo-se aos apóstolos como homens da Galiléia, lhes disseram que o tempo gasto no desejo saudoso pela presença visível ou pelo retorno de Cristo era tempo perdido. E deram a eles e a todos os cristãos uma certeza feliz. Este mesmo Jesus, que aqui foi elevado ao céu, que aparentemente lhes foi tirado, voltará novamente bem da mesma maneira em que eles o viram desaparecer de vista. Jesus retornará de modo visível e corporal. Ele descerá do céu, com o mesmo corpo, vestido na mesma natureza humana, para julgar os vivos e os mortos. Ele é a esperança de todos os cristãos, que verão Jesus com seus próprios olhos. Enquanto isto eles vivem sob seu reino e governo misericordioso, salvos e seguros, sabendo que ele está com eles até o fim do mundo. Esta esperança e certeza tornam os

crístãos dispostos a trabalhar pelo Senhor e para fazer as tarefas de sua vocação na terra em seu nome e para sua glória. O tempo é breve, e seu retorno é tanto certo como iminente, Jo. 9. 4.

A Eleição De Matias. At. 1. 12-26.

O retorno a Jerusalém: *V. 12 Então voltaram para Jerusalém, do monte chamado Olival, que dista daquela cidade tanto como a jornada de um sábado. 13) Quando ali entraram, subiram para o cenáculo onde se reuniam Pedro, João, Tiago e André; Filipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, Simão o Zelote, e Judas, filho de Tiago. 14) todos estas perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, estando entre eles Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele.* A ascensão de Jesus ocorreu no monte Olival, a leste de Jerusalém, e não muito longe do povoado de Betânia, Lc. 24. 50. Sua distância da capital judaica é de uma jornada de sábado, ou sete e meio estádios (um pouco mais do que 14 mil metros). Não há contradição entre os relatos sobre a localização dos vários lugares e o ponto exato onde ocorreu a ascensão. O topo do monte ficava aproximadamente a sete e meio estádios de Jerusalém, sendo que Betânia ficava quase duas vezes tão longe, e a ascensão ocorreu na redondeza de Betânia, na encosta sudeste do morro. Depois do afastamento do Senhor numa forma tão maravilhosa, os discípulos retornaram a Jerusalém. Notemos quão exatamente Lucas descreve a localização geográfica aos seus leitores não judeus. Deviam esperar em Jerusalém pelo grande milagre do derramamento do Espírito. Sendo assim, voltaram ao seu usual lugar de reunião, ao cenáculo, que provavelmente foi a casa de um dos discípulos. Os discípulos celebravam reuniões públicas no templo, Lc. 24. 53, principalmente no interesse da obra missionária. Mas a consolação e o encorajamento mútuo realizavam nas casas dos membros da congregação. Os nomes dos principais homens e de algumas das mulheres desta primeira congregação são aqui registrados. Pedro é citado primeiro, como é comum nos evangelhos; Tiago, o filho mais velho, e João, o filho mais novo, de Zebedeu, são citados a seguir. Estes três encabeçam a lista como os especialmente íntimos do Senhor. A seguir chega André, o irmão de Pedro; Filipe, também de Betsaida; Tomé, apelidado Dídimo; Bartolomeu, anteriormente conhecido como Natanael; Mateus, o publicano, previamente conhecido como Levi; Tiago, o filho de Alfeu; Simão o Zelote, de Caná; e finalmente Judas, o irmão de Tiago. Todos estes haviam sido preservados, ainda que o temporal de adversidade, ocasionado pela paixão e morte de Cristo, os atingira com muita violência. Mas, agora, todos eles estiveram dispostos em seus postos, desejosos para iniciar o trabalho que lhes foi apontado, esperando tão somente pelo prometido poder do alto, no envio do Espírito Santo. Os onze discípulos passaram o intervalo entre ascensão e pentecostes na melhor maneira possível; estiveram empenhados contínua e perseverantemente em oração, e todos de comum acordo, no mesmo sentimento. Suas orações foram tanto gerais como específicas, visto que sentiam profundamente sua própria fraqueza e pobreza espiritual, e estiveram ansiosos para receber o dom do Espírito, tal como prometido pelo seu Mestre. Sua ação deve ser louvada como um exemplo para os cristãos de todos os tempos, ou seja, reunir-se tanto em público como em particular na oração sincera pelo dom do Espírito Santo, sem cujo poder e iluminação nada podemos fazer. Os apóstolos não estiveram sós nesta assistência, pois algumas das fiéis mulheres estiveram com eles, provavelmente aquelas que, mesmo na Galiléia, haviam ministrado ao Senhor, e que depois viajaram a Jerusalém para estarem presentes sob a cruz, testemunhar o sepultamento, e que receberam a mensagem do Senhor ressuscitado. Uma mulher é citada pelo nome, Maria, a mãe de Cristo. Ele não voltou para Nazaré, visto que João fielmente cumpria o pedido do crucificado Jesus para considerar Maria como sua mãe. Maria, sem dúvida, esteve em alta estima entre os apóstolos, mas não há qualquer indicação da homenagem idólatra que mais tarde lhe foi tributada em várias igrejas. Também os irmãos do Senhor, (meio-irmãos, primos) pertenciam agora a esta pequena congregação ou círculo fechado, os quais, anteriormente, foram mencionados como sendo incrédulos, Jo. 7. 5. Não é registrado nos evangelhos, quando exatamente eles renegaram sua incredulidade e aceitaram Jesus como seu Salvador e Senhor, mas foram, desde este tempo, convictos adeptos de Jesus. Notemos: Não importa quão fortemente uma pessoa anteriormente se opôs ao evangelho da salvação, porque tudo isto deve ser esquecido tão logo ela aceita a verdade do evangelho. Num caso assim, a convicção da fé,

via de regra, é compelida pela firme intenção de trabalhar tanto mais humilde e sinceramente pelo Mestre, anteriormente desprezado.

A fala de Pedro: *V. 15) Naqueles dias, levantou-se Pedro no meio dos irmãos (ora, compunha-se a assembléia de umas cento e vinte pessoas) e disse: 16) Irmãos: Convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus, 17) porque ele era contado entre nós e teve parte neste ministério 18) (ora, este homem adquiriu um campo com o preço da iniquidade; e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram; 19) e isto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua esse campo era chamado Aceldama, isto é, Campo de Sangue). 20) Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite; e: Tome outro o seu encargo.* “Naqueles dias”, foi um dos dez dias intercalados entre a ascensão de Cristo e o derramamento do Espírito Santo. Numa das reuniões realizadas durante aqueles dias, Pedro assumiu a iniciativa de se erguer e, de pé diante dos discípulos, falar-lhes sobre um assunto muito importante. Nesta ocasião eram ao redor de cinco e vinte discípulos que estiveram reunidos, provavelmente todos os que em Jerusalém, na ocasião, haviam professado adesão ao Senhor. Notemos que eles são chamados irmãos, unidos por uma fé comum e por um amor comum de modo mais íntimo do que pelos laços parentesco consanguíneo. Marquemos também que Pedro, mesmo que atua como porta-voz, é um destes irmãos; ele atua com o consentimento deles, e não de uma maneira dominante. Pedro, de modo muito solene, se dirige à assembléia como “(homens e) irmãos”, sendo a importância de seu assunto refletido em toda seu discurso. Ele destaca que, antes de tudo, foi necessário que a Escritura fosse cumprida na defeção de Judas Iscariotes. Sua traição de Cristo fora predita, Sl. 41. 9. Mais de mil anos antes, o Messias com tristeza havia denunciado o cinismo do traidor. Foi Judas quem, na captura de Jesus, foi o guia do grupo dos inimigos, quem mostrou aos soldados e servos o caminho ao provável lugar da estada de Cristo naquela noite. Notemos o tacto com que Pedro lida todo seu delicado assunto, não amontoando desprezo ou ofensa sobre o traidor, falando, porém, dele com toda lenidade. Atualmente seu exemplo também podia ser seguido, não importando a pessoa de cuja morte se fale. Judas fora contado entre os doze apóstolos; ele fora escolhido pelo Senhor como um dos homens que deviam servir como seus mensageiros e embaixadores para levar o evangelho a todas as pessoas; ele, por meio da objetiva seleção de Jesus, obtivera uma porção, uma parte, neste ministério. A vocação de Jesus é sempre sincera e com a intenção de conservar o cristão ao seu lado; a defeção do descrente precisa ser colocada inteiramente em sua própria responsabilidade.

Os versículos 18 e 19 provavelmente precisam ser considerados como uma nota inserida por Lucas para o entendimento de seus leitores gentios. Judas recebera certa quantia de dinheiro, trinta denários, o preço dum escravo, como o preço de sangue pela traição de seu Mestre. Quando, depois, foi atingido por arrependimento e medo por causa de seu feito horrível, trouxe de volta o dinheiro aos principais sacerdotes, e porque estes se recusaram aceitá-lo, atirou-o no templo. Eles, com este dinheiro, que os hipócritas líderes judeus ainda consideravam como pertencendo a Judas, compraram o campo do oleiro, que, assim, de fato foi a propriedade de Judas, e podia ser reclamada por seus herdeiros. Foi assim que a recompensa da iniquidade, da injustiça, comprou o cemitério para os visitantes que ninguém conhecia. Este fato, em especial depois do fim horrível do traidor, ficou conhecido por toda a cidade, e, visto que todos os habitantes da cidade conheciam a história deste pedaço de chão, este campo logo recebeu um nome, na língua aramaica, ou caldeo-síria, Aceldama, que significa “um campo de sangue”, comprado pelo preço da vida ou do sangue do Senhor Jesus. E o próprio Judas teve um fim horrível. Parece que, depois que ele enforcou, a corda se rompeu, e ele se precipitou de costas nalgum precipício, sendo o resultado que seu corpo se rompeu e todos os seus intestinos se derramaram. Evidentemente este foi o juízo de Deus sobre este pecador endurecido; ele fora ao lugar provido a pessoas como ele – o lugar dos condenados. Pedro, porém, em todos estes acontecimentos, horríveis como soam na narrativa, encontra o cumprimento das Escrituras. O Senhor havia profetizado no Sl. 69. 25: Sua habitação fique desolada; e ninguém habite em suas tendas, e no Sl. 109. 8: Tome outro o seu ofício. A exposição de Pedro mostra que estas passagens encontraram seu mais exato cumprimento em Judas Iscariotes e no seu destino, como uma advertência a todas as pessoas de todos os tempos. A habitação de Judas se tornara deserta;

perdera seu ministério, seu ofício, quando negou a fé e traiu seu Senhor. Notemos a impressão profunda que o fim do traidor causara sobre os demais discípulos, e como guardaram a advertência contida na história, exatamente como todos os cristãos irão recordar o fim horrível dos apóstatas, seja aqui ou no além, para que não caírem no mesmo exemplo de incredulidade.

A escolha de Matias: *V. 21) É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, 22) começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição. 23) Então propuseram dois: José chamado Barsabás, cognominado Justo, e Matias. 24) E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido, 25) para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar. 26) E os lançaram em sortes, vindo a sorte a recair sobre Matias, sendo-lhe então votado lugar com os onze apóstolos.* Pedro, tendo-se resumidamente referido à lamentável vacância no número dos apóstolos, faz agora uma proposta quanto a eleição dum homem para suceder a Judas no sublime ofício que este tivera. Ele declarou que era necessário que escolhessem a alguém dos discípulos que, desde o começo, se haviam juntado a eles e a Jesus, alguém que fora seu companheiro durante todo o tempo que Jesus entrava e saía diante deles, alguém que, em outras palavras, havia sido uma testemunha de todo o curso da vida de Cristo, começando com seu batismo por João e findando com o dia de sua ascensão do seu meio. Notemos que Pedro fala do Cristo, que ascendeu, como de um ser humano, como se ainda estivesse na carne, ainda que ele incidentalmente o chama Senhor, atribuindo-lhe com isso a plena honra e majestade divinos. Mas o ponto principal a ser tomado em conta foi isto, que o homem a ser escolhido precisa ser uma testemunha completamente competente da ressurreição de Cristo. A ressurreição de Cristo, como São Paulo mostra em 1.Co. 15, é o selo de Deus sobre a concluída obra da redenção de Jesus. O cristianismo se torna uma ilusão e uma farsa, sem que seja estabelecida esta certeza. É manifesta que a experiência do acontecimento dos fatos anda mão em mão com a posse dum fê inabalável dos assuntos testemunhados. Os apóstolos haviam sido chamados para testificar a respeito daquilo que eles próprios haviam visto e ouvido. A igreja recebeu o evangelho de Cristo da boca de testemunhas oculares e auriculares. Tendo sido aceita a proposta de Pedro pela assembléia, apresentaram ou nomearam dois homens para esta vacância, um certo José Barsabás, aparentemente um dos setenta discípulos, cujo cognome Justo fora adotado segundo o costume da época, e Matias. Estes dois homens talvez foram os únicos dois que possuíam todas as qualificações apresentadas por Pedro. Os discípulos reunidos fizeram então oração sincera a respeito destes dois homens que foram os candidatos para a posição vacante no número dos apóstolos. Dirigiram sua oração, literalmente, ao Conhecedor dos corações, ao ressuscitado Senhor, Jesus Cristo. Cf. Jr. 17. 10. Os pensamentos e as orações de todos os verdadeiros cristãos são agora sempre dirigidos ao seu Senhor e Salvador exaltado. Ele sabe todas as coisas; ele dirige todas as coisas no interesse de seus fiéis e para o bem deles. O Senhor conhece os corações das pessoas, Jo. 2. 25; ele foi capaz de julgar exatamente quanto as qualificações de cada candidato; sua escolha não dependia dum longo e deliberado avaliar e refletir. Ele meramente iria designar sua escolha destes dois homens, para que o homem escolhido ocupasse o lugar do ministério e apostolado que foi deixado vago por Judas. Notemos, mais uma vez, referência diplomática ao traidor, como tendo ido “para o seu próprio lugar”. Tal como as palavras estão, elas se podem referir tanto ao lugar do galardão, como ao da punição. Os discípulos, muito provavelmente, deixaram a decisão deste assunto tão sério nas mãos do grande Juiz lá de cima, e não pronunciam eles mesmos a condenação, ainda que está incluso que Judas foi ao lugar ao qual os hipócritas e apóstatas vão depois da morte. Marquemos também: A oração dos discípulos é por si mesma um modelo. “Os que pediam tinham um único objetivo pelo qual dobraram seus joelhos diante do Senhor, e limitam suas palavras à correta apresentação disso. Não repetem qualquer pensamento, nem elaboram algum que fosse além do ponto que fora exposto.... Uma oração tão breve numa ocasião tão importante dificilmente seria considerada oração em nossa época tão volúvel.”⁴⁾ Tendo, desta forma, santificado a ocasião com a palavra de Deus e a oração, os discípulos estiveram prontos para continuar com a seleção do décimo segundo apóstolo. Para fazê-lo, divulgaram sortes. Não está

⁴⁾ McGarvey, *New Commentary on Acts*, 16. 17.

claro como o fizeram. Mas é provavelmente a maneira que já esteve em uso no Antigo Testamento. “Foram usadas tabuletas em que os nomes de José ou Matias estavam escritos; estes foram sacudidos num vaso ou outro vasilhame em que haviam sido depositados, e o dado que primeiro caiu forneceu a decisão.”⁵⁾ Cf. 1.Cr. 24. 5; 25. 8; Lv. 16. 8; Nm. 34. 13. Matias, tendo sido designado desta maneira, do momento em diante foi contado com os onze apóstolos, como o décimo segundo. Foi incomum a maneira de selecionar o homem para preencher a vaga deixada pela defecção de Judas, a qual, sem dúvida, se recorreu nesta ocasião por uma ordem especial de Deus. Por isso, o método não deve ser considerado como um exemplo que deve ser seguido em circunstâncias semelhantes. Mas o uso da Palavra de Deus e o sincero apelo ao Senhor para dirigir a escolha dos dirigentes da igreja para que sejam conforme a sua vontade e para o bem de seu reino, nunca deviam faltar em qualquer assembléia que tem o objetivo de eleger dirigentes numa congregação cristã.

Resumo: O autor dá um breve relato das últimas conversas do Senhor, de sua ascensão, da assembléia dos discípulos, e da eleição de Matias.

Capítulo 2

O Milagre De Pentecostes. At. 2. 1-13.

Os apóstolos são enchidos com o Espírito Santo: *V. 1) Ao cumprir-se o dia do Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; 2) de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. 3) E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. 4) Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.* No cumprimento perfeito do dia de Pentecostes, quando o dia chegara, conforme a maneira hebraica de falar, quando se cumprira totalmente. A palavra, conforme Lucas a usou, indica que este dia, neste momento, trouxe o cumprimento da esperança séria e ansiosa dos discípulos, e que sua importância, por isso, devia ser sempre lembrada. Foi o dia de Pentecostes, cinqüenta dias depois da páscoa, a segunda grande festa do ano eclesiástico judaico, celebrado no dia depois da conclusão de sete semanas cheias depois do segundo dia da semana pascal, quando os primeiros frutos da colheita da cevada eram movidos diante do Senhor. Neste dia, que naquele ano caiu exatamente num domingo, todos eles estiveram reunidos num só lugar. Isto tem sido entendido somente dos doze apóstolos, dos quais se falou no último versículo do capítulo primeiro. Mas o fato que os dons pentecostais, mesmo que primeiro exercidos pelos apóstolos, não estiveram limitados a eles, mas também foram usados por outros discípulos, o torna mais plausível assumir que esteve reunida toda a congregação de Jerusalém, os cento e vinte discípulos, cap. 1. 15, e até outros que haviam chegado a Jerusalém para a festa. Estiveram reunidos num mesmo lugar, e mesmo que o templo não seja especificado, como é feito em outros lugares, cap. 3. 2, 11; 5. 21, o fato que houve uma assembléia tão grande, e que depois milhares de pessoas se tornaram testemunhas do milagre, indica que um cenáculo da cidade teria sido inadequado, e que o milagre ocorreu provavelmente num dos átrios do templo que eram contíguos aos pátios espaçosos. E de repente aconteceu do céu um som como de um forte vento, que se comportou com grande poder. O som veio sem qualquer advertência ou causa visível, não se tendo aglomerado quaisquer nuvens de vento e tendo o céu sereno sido imperturbado por qualquer indicação de perturbação. O som veio do céu num tal volume de barulho que logo atraiu a atenção ao seu sibilar impetuoso, visto que ele era dirigido a aquela uma casa ou sala em que estiveram reunidos os discípulos. A manifestação sobrenatural continuou mesmo dentro da sala, fazendo que tanto as paredes como o forro retumbaram com sua violência. Incidentalmente, se manifestou um segundo fenômeno. Línguas bifurcadas apareceram sobre os discípulos, em sua aparência e brilho semelhantes a fogo. O texto faz supor como se originalmente havia uma chama imensa de fogo que acompanhou o som impetuoso, da qual agora se dividiram ou apartaram as chamas menores. E assim o que era semelhante a fogo se fixou sobre cada um deles. O fogo e as chamas foram

⁵⁾ Schaff, *Commentary, Acts. 21.*

símbolos das línguas que se ouvia em que os apóstolos deviam falar naquele instante. Pois, enquanto o fenômeno foi visível a todos os presentes, ocorreu o milagre real e mais importante de Pentecostes. Todos eles ficaram cheios do Espírito Santo. Todas as manifestações precedentes só foram arautos do Espírito, que agora desceu para tomar posse dos corações e das mentes dos discípulos com seus dons milagrosos. Não que os apóstolos não tivessem recebido antes o Espírito Santo. Eles o haviam recebido tanto quando haviam crido em Cristo como seu Salvador, como especialmente na noite de páscoa, com a ordem do Senhor, Jo. 20. 22, 23. Os apóstolos, porém, só haviam mostrado uma medida muito pequena de compreensão em coisas espirituais, bem como de poder para trabalhar e coragem para confessar seu Senhor, que tudo estava estranha e lamentavelmente ausente. Aqui, porém, receberam o Espírito em medida especial; não só a fé de seus corações foi confirmada de um modo que jamais o fora, mas também lhes foi dada um volume extraordinário de poder, tanto para trabalhar como para suportar. Mas o aspecto mais forte desta doação do Espírito consistiu no dom de milagres, que neles logo se manifestou. Pois eles agora começaram a falar, em conversa conectada, em línguas outras e estranhas, em línguas e dialetos dos quais, na maioria das vezes, provavelmente jamais haviam ouvido. O Espírito Santo não só lhes ensinou para o seu próprio entendimento as várias línguas, mas realmente lhes deu a capacidade de se expressarem corretamente nestas línguas. Foi uma maravilhosa manifestação e transferência de poderes miraculosos. O relato é tão claro que na mente sem preconceito não pode haver qualquer pergunta quanto ao milagre como que nos deparamos neste milagre, a saber, que as línguas estranhas se tornaram aos incultos pescadores da Galiléia como se fossem suas próprias línguas, a ponto que tiveram um perfeito domínio das várias línguas e se conseguiam expressar livremente, assim como o exigia a ocasião. E tudo isto foi realizado pelo Espírito, que lhes deu a pronúncia e os capacitou para falar os oráculos de Deus. “O Espírito Santo, deste modo, penetrou nos corações deles que em um momento tiveram a correta compreensão de Deus e de seu Filho Jesus Cristo, e entenderam todas as Escrituras, e tiveram uma coragem tão grande que já não mais guardaram esta compreensão neles próprios.... Ele desce e enche os corações dos discípulos, que, anteriormente, estiveram sentados em luto e medo, e lhes dá línguas ardentes que os torna corajosos, e pregam ousadamente de Cristo, e a nada temem.”⁶⁾

O efeito do milagre sobre a multidão: *V. 5) Ora, estavam habitando em Jerusalém Judeus, homens piedosos, de todas as nações debaixo do céu. 6) Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluíu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. 7) Estavam, pois, atônitos, e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? 8) E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna, 9) partos, medos e elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia; 10) da Frigia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, 11) tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabios; como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? 13) Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados!* Visto que a festa de Pentecostes ter sido uma faz festas em que todos os judeus deviam aparecer em Jerusalém, Ex. 23. 13-17; Dt. 16, em Jerusalém viviam ou estavam temporariamente pessoas de todas as partes do mundo. Muitos dos que haviam anteriormente vivido em terras distantes podem ter retornado à cidade de seus pais para passar os anos do ocaso de suas vidas em sua cidade santa e morrer à vista do templo. As pessoas aqui referidas eram homens sinceros e devotos, Lc. 2. 25, e não hipócritas semelhantes aos governantes judeus. E eles acorreram de todas as nações sob o céu. Desde o tempo do exílio babilônico a propensão comercial dos judeus levou-os mais e mais a outras terras. Em algumas regiões, como no Egito, havia grandes colônias deles, com homens influentes do tipo de Filo. E que eles de modo algum eram poucos em número em toda a Ásia Menor, bem como em partes da Grécia e na Itália, aparece das muitas passagens de Atos em que são mencionadas as sinagogas dos judeus. Estes judeus, conhecidos como os judeus da Diáspora, falavam a língua do povo onde viviam, retendo o hebraico só para o culto divino no sábado. Quando pois este som enorme, como se fosse dum vento forte, foi ouvido, a atenção de todos os ouvintes foi naturalmente direcionada para a sala onde os apóstolos e os discípulos estiveram reunidos, e reuniu-se uma grande multidão com o

⁶⁾ Lutero, citado em Stoeckhardt, *Biblische Geschichte des Neuen Testaments*, 334.

fim de descobrir a razão desta ocorrência sobrenatural. E o que viram e ouviram encheu suas mentes de tal preocupação e perturbação, que já não mais estiveram certos de seu próprio bom senso; estiveram completamente confusos e atrapalhados. Pois aqui eles, cada um deles, ouviu a língua do povo onde havia nascido. Estavam presente judeus do leste ou babilônios, partos, da região do Mar Cáspio, medos, da costa sul do mesmo mar, elamitas, no que agora é o oeste da Pérsia, habitantes da Mesopotâmia, ao longo dos rios Eufrates e Tigre; estavam presente judeus sírios, da Judéia, da parte sul do que hoje é Síria, da Capadócia, no leste da Ásia Menor, do Ponto, sul do Mar Negro, da Ásia, as partes do oeste geral da Ásia Menor, ao longo do Mar Egeu, da Frígia, no oeste da Ásia Menor, da Panfília, no sul da Ásia Menor; estavam presente judeus egípcios, que vieram do próprio Egito, bem como de partes da Líbia no lado oeste, perto de Cirene, a moderna Trípoli; estavam presente judeus romanos, daqueles que demoravam naquela cidade. E finalmente Lucas menciona judeus da ilha de Creta, no Mediterrâneo, e da Arábia, como aqueles que estiveram presente em menor número. Tanto judeus como prosélitos estiveram representados na assembléia, aqueles que por nascimento pertenciam à nação judaica, e aqueles que se haviam prosélitos da porta (pelo reconhecimento da verdade do ensino judeu) ou da justiça (pela aceitação formal de todos os ritos e cerimônias, bem como dos ensinamentos). E todos os vários membros deste imenso ajuntamento ouviram os apóstolos falar em sua própria língua, falando-lhes fluentemente, como se tivessem falado durante a vida inteira este dialeto ou língua. Jamais se ouvira dum milagre assim, e Luca esgota seu vocabulário quando tenta descrever seu efeito sobre a multidão: estavam confusos, atônitos, maravilhados, perplexos, e se perguntavam uns aos outros quanto ao significado da coisa maravilhosa que estavam testemunhando. Enquanto isto os apóstolos pregavam os feitos imensos e maravilhosos de Deus, a saber, que Deus cumprira as profecias feitas aos pais, que enviara seu Filho Jesus para realizar a redenção do mundo todo, e que esta salvação agora estava sendo oferecida a todos eles sem qualquer exceção.⁷⁾ Mas enquanto a maioria dos judeus reunidos esteve disposta a aceitar a evidência duma manifestação extraordinária do poder de Deus por meio destes incultos galileus, como eles os chamaram, houve também alguns que debocharam e zombaram, declarando com desprezo que os apóstolos estiveram cheios de mosto, ou do mosto de uvas ainda em fermentação ou duma espécie de vinho doce em uso na Palestina. Notemos: Onde quer que o Espírito de Deus atua através da Palavra, há sempre alguns que aceitam a gloriosa verdade, enquanto outros são propositadamente ofendidos e zombam do Espírito que habita os cristãos.

O Sermão De Pedro E Seu Efeito. At. 2. 14-47.

A introdução do sermão: *V. 14) Então se levantou Pedro, com os onze; e, erguendo a voz, advertiu-os nestes termos: Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentai nas minhas palavras. 15) Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia. 16) Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: 17) E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; 18) até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. 19) Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra; sangue, fogo e vapor de fumo. 20) O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. 21) E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.* Enquanto o dom de línguas estava sendo concedido aos apóstolos, eles não estiveram num estado de êxtase, fazendo com que estivessem alheios às coisas que ocorriam ao seu redor. Eles estiveram perfeitamente sensatos e racionais. E Pedro ouviu a observação dos que debochavam. Os apóstolos, até este momento, estiveram sentados. Agora, porém, Pedro se levantou, e os onze com ele, para iniciar um protesto enfático contra esta insinuação blasfema, a qual, incidentalmente, foi muito tola. Pedro, como porta-voz dos doze, propositalmente ergueu a voz a fim de se fazer entender por toda a audiência, e a seguir falou em nome de Deus de modo solene e impressionante. Ele se dirige, de modo muito respeitoso, à multidão reunida como

⁷⁾ Lutero, *13b. 2060, 2061.*

“varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém,” distinguindo, desta forma, entre os residentes e os moradores temporários pelo período da festa. Foi sua vontade tornar-lhes algo conhecido, queria chamar-lhes a atenção sobre algo, e por isso pede a todos que prestem atenção, que escutem atentamente suas palavras, o que dizia, sua fala informal. Antes de tudo, destaca o significado do milagre de Pentecostes. Primeiro, refuta a alegação que estes homens estivessem bêbedos. No momento era apenas a terceira hora do dia, nove horas da manhã, e por isso a hora em si o tornava muito improvável que estes homens pudessem estar embriagados. Mas a verdadeira refutação da insinuação veio com a explicação do milagre. A manifestação que haviam testemunhado foi devida ao Espírito de Deus, em cumprimento da profecia de Joel, cap. 2. 28-32. O próprio Deus prometera por meio deste profeta que nos últimos dias do mundo derramaria do seu Espírito sobre toda carne, que, como resultado deste milagre, tanto os filhos como as filhas do povo profetizariam, seriam capazes de revelar o futuro, que os jovens veriam visões e os velhos em sonhos receberiam revelações. Havia, porém, mais incluído nesta ocorrência milagrosa. Pois até os servos, os escravos, tanto homens como mulheres, receberiam o mesmo dom do Espírito Santo, assim que também eles seriam capacitados para profetizar. Pessoas de todas as nacionalidades e de todas as classes e condições de vida, desta forma, se tornariam participantes do Espírito e de seus dons maravilhosos. E este fenômeno não seria confiando a uma única ocasião, mas continuaria até ao dia quando Deus mostraria e daria milagres no céu o firmamento e sinais de sua majestade aqui em baixo na terra, sangue, e fogo e vapor fumegante. O sol seria mudado por completo, perdendo seu brilho e tornando-se trevas, de modo semelhante a lua se mudaria em uma massa de sangue. Derramamento de sangue e devastação pela guerra precederiam este último grande dia do Senhor, cujo objetivo será claramente visível tão logo que irromperá sobre o mundo desmoralizado. Cf. 1. Ts. 5. 2; 1. Co. 1. 8; 2. Co. 1. 14; 2. Ts. 2. 8. Os aspectos aterradores do fim do mundo são aqui exibidos ao pasmo espantado da multidão, como um brado advertente ao arrependimento. Mas, enquanto isso, há também uma promessa gloriosa exibida a todos que em arrependimento e fé se voltam ao Senhor, e que ardentemente invocam seu nome como o de seu único Salvador. Notemos: Nós cristãos vivemos no tem do cumprimento da profecia de Joel, no tempo do Pentecostes do Novo Testamento. A pregação de Cristo, que foi começada pelos simples pescadores da Galiléia, ecoou em todo mundo. E por este evangelho o Cristo exaltado, que é o próprio Deus, está enviando e derramando seu Espírito. O Cristo crucificado, agora exaltado à mão direita de Deus, é o onipotente Deus.⁸⁾ Ele congrega de todas as nações do mundo sua igreja sob si mesmo. Filhos e filhas, velhos e jovens, servos e servas, recebem o dom do Espírito Santo. E mesmo que a ação do Espírito não se manifesta na mesma forma como nos dias iniciais da igreja, em visões, em sonhos, em profecia, ainda assim o Espírito habita nos corações dos cristãos, dá-lhes o conhecimento de Jesus Cristo, seu Salvador, e incita a falar daquilo que de modo tão firme crêem, e a invocar o nome do Senhor. O derramamento do Espírito é o último dos grandes milagres de Deus até ao grande dia do seu retorno para o juízo. Enquanto isto, temos o conforto que nossa salvação está firme nele. “O que significa ‘salvar’? Significa remir do pecado e da morte. Pois quem quer ser salvo não deve estar sob a lei, mas sob a graça. Mas se não deve estar sob a lei, porém sob a graça, então não pode estar sob o pecado. Se estiver sob o pecado e seu poder, então está sob a lei, isto é, sob a ira de Deus, sob a morte e a condenação eternas, e sob o poder do diabo. Mas se for salvo, então todos estes inimigos, pecados, morte, diabo, precisam dar lugar. Por isso salvar significa nada mais do que remir e livrar do pecado e da morte, da ira de Deus e do poder do diabo, da lei e da má consciência. Diz Pedro, citando o profeta Joel: O Senhor que derrama seu Santo Espírito sobre toda carne salvará a todos os que invocam seu nome, isto é, que pela fé nele ele os remirá do pecado e da morte.”⁹⁾

O testemunho de Pedro sobre Jesus: *V. 22) Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; 23) sendo este entregue pelo determinado designio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; 24) ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela.* Aqui Pedro parte para

⁸⁾ Lutero, 13b. 2066.

⁹⁾ Lutero. 13b. 2070, 2071.

seu sermão propriamente dito, que foi testificar de Cristo como sendo o Filho de Davi e também o Senhor de Davi. Ele se dirige aos seus ouvintes como israelitas, como membros da nação da aliança de Deus, e lhes pede novamente que notem bem suas palavras. Ele coloca o nome de Jesus o Nazareno como cabeçalho desta parte, para de modo apropriado enfatizar sua intenção de fazer Jesus o centro de sua discussão. Este Jesus havia sido aprovado por Deus a eles; Deus claramente havia mostrado que Jesus foi o seu enviado aos judeus, sendo em tudo manifesta a demonstração de seu poder por meio da palavra e da obra de Jesus. As potestades, os milagres e sinais que ele realizou foram feitos entre eles por Deus por intermédio dele, assim como ele próprio o havia dito. Pedro diz claramente aos judeus que estavam muito bem a par destes fatos, que lhes era impossível negar a um só deles, Jo. 11. 47. Pedro, além disso, informou os judeus que foi conforme o propósito preordenado de Deus, que Jesus foi entregue em seu poder, afixado na cruz e morto por mão iníquas, mas que ele não foi vencido pela força deles. E, por fim, relata ousadamente à sua audiência, que Deus ressuscitou Jesus da morte, desatando e tirando as agonias da morte, pois não foi possível que a morte detivesse o Príncipe da Vida. A morte o havia apanhado, mas não foi capaz de deter sua presa. A afirmação poderosa e breve destes fatos cai, quais marteladas dum martelo de forja, dos lábios de Pedro, fatos estes que fazem seus ouvintes tontear e cambalear, e que neles precipitou a convicção que este homem Pedro precisa estar dizendo a verdade. “Poderíamos desafiar o mundo para que encontre um paralelo a isto nos discursos de seus oradores ou nos cantos de seus poetas. Não há raio igual a este em todas as cargas dos profetas de Israel, ou entre as vozes que ecoam através do apocalipse.”¹⁰⁾ Para nós cristãos é imensamente consolador que o auge desta secção é alcançado na afirmação magnífica: A quem Deus ressuscitou. Nós colocamos nossa esperança de salvação eterna no fato da ressurreição de Jesus.

A prova à base de Davi: *V. 25) Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado. 26) Por isso se alegrou o meu coração e a minha língua exultou; além disto também a minha própria carne repousará em esperança, 27) porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. 28) Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, me encherás de alegria na tua presença.* Pedro afirmara aos judeus que Jesus fora entregue conforme a presciência de Deus e que Deus o ressuscitara da morte. Porque estas duas afirmações requeriam comprovação, o apóstolo prosseguiu dando-as das Escrituras. Ele cita Sl. 16. 8-11. Ali Davi diz certos fatos do Senhor, e o Messias fala através dele. O Messias declara que vê o Senhor, a Jeová, sempre à sua frente; ele está no seio do Pai de eternidade a eternidade. Deus, seu Pai celeste, está à sua mão direita, como sua defesa e amparo, assim que não podia tornar-se permanentemente desalentado. O coração do Messias, por esta razão, está cheio de alegria e sua língua está cheia de exultação, e sua alma está cheia de feliz confiança. Pois sua carne, seu corpo vivo e animado, pode morar em satisfeita esperança; a vida inteira do Messias podia ser passada numa contemplação confiante e sossegada do fim que o aguardava. Pois o Senhor, o seu Pai celeste, não entregaria, não entregaria, sua alma no reino da morte, não permitiria que ele se tornasse a presa permanente da morte, nem que seu Santo visse corrupção. Ele sabe e está convencido que sua alma não será entregue e abandonada na morada da morte e destruição, que seu corpo na sepultura não se decomporá, conforme a experiência comum da humanidade. O Senhor, ao contrário disso, tornou conhecido ao Messias os caminhos da vida; encheu-o de alegria por estar em sua presença constantemente. Quanto ao Messias, morte nenhuma poderia, nem ao menos por um momento, romper a união entre ele e seu Deus e Senhor. Notemos: As palavras do salmo são uma exposição bela e clara do Messias sobre sua morte e da glorificação que receberia através de sua morte.

A aplicação da profecia: *V. 29) Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente, a respeito do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. 30) Sendo, pois, profeta, e sabendo que deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono; 31) prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. 32) A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas.* Nesta parte de seu sermão, Pedro usa a saudação familiar e confidencial “(homens) e irmãos.” Ele deseja conseguir que o povo sinta

¹⁰⁾ McGarvey, *New Commentary on Acts*, 30.

que é do seu interesse ouvi-lo neste argumento. Ele citara uma passagem dum salmo que, como o povo sabia, fora escrito por Davi, uma passagem toda ela completamente na primeira pessoa. Por isso o problema foi sobre quem era o que falava quando Davi escreveu, se foi ele mesmo ou alguém outro. Agora, quanto a Davi, a quem Pedro chama um patriarca, o antepassado duma raça real, ele podia dizer com franqueza, e sem qualquer medo de ser contradito, que ele morreu e que foi sepultado, ficando seu túmulo em Jerusalém e sendo bem conhecido por todos os judeus. A morte de Davi, desta forma, foi um fato, e a presença de seu túmulo implicava que este antepassado de reis, quanto a si, vira corrupção. Davi, por isso, certamente não falara de si mesmo. Doutro lado, como os judeus sabiam, ele detinha a posição de profeta, alguém por meio de quem o Senhor predisse o futuro, e ele, como tal, soube, por revelação de Deus, que Deus, sob juramento, lhe prometera que um descendente seu se assentaria em seu trono. Cf. 2. Sm. 7. 12, 13. Davi, com esta noção em mente, escreveu esta profecia do salmo 16, falando da ressurreição de Cristo, que ele não seria deixado no reino da morte, e que sua carne não seria corrupção. Pedro, desta forma, provou claramente deste texto que Jesus sofreu a morte conforme um alvo predeterminado e expresso de Deus, mas que a morte não o pôde deter, mas que ele claramente precisava ressuscitar e de fato ressuscitou da morte. Os apóstolos também puderam testificar que esta profecia se havia cumprido, estando os doze diante deles, eles foram testemunhas da ressurreição de Jesus. Os olhos e sentidos deles não os puderam enganar; eles haviam estado com o Senhor ressurreto; eles haviam recebido seu comissionamento. Este fato também é de grande conforto para nós, que colocamos nossa fé na mensagem do Senhor ressurreto, assim como está registrada por estas testemunhas de sua ressurreição.

A conclusão do sermão de Pedro: *V. 33) Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. 34) Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, 35) até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. 36) Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificaste, Deus o fez Senhor e Cristo.* Uma peroração ou conclusão poderosa! Pedro, depois de seu testemunho sobre a ressurreição de Jesus, só teve mais um só ponto que precisou expor, a saber, a prova sobre a exaltação de Cristo à glória, com a acompanhante majestade e poder. Nisso ele não citou o depoimento do testemunho pessoal dos apóstolos, visto que este passo da glorificação de Cristo fora oculto aos seus olhos. Mas a ascensão e exaltação foram uma consequência necessária da ressurreição. Jesus foi exaltado pela mão direita de Deus, erguido pelo poder onipotente de Deus à dignidade mais alta no reino da glória; Jesus recebeu do Pai a promessa do Espírito Santo; Jesus derramou o Espírito sobre os discípulos, como agora, para o seu grande pasmo, os judeus o estavam testemunhando, tanto com os olhos vendo as línguas de fogo e com seus ouvidos ouvindo os incultos pescadores proclamando as grandes maravilhas em mais que uma dúzia de línguas e dialetos. Foi uma espécie de testemunho que nenhum homem são entre os ouvintes podia sonhar em questionar. E este milagre do cristo exaltado foi, por sua vez, predito no Antigo Testamento, o que foi mais um fato que devia convencê-los da verdade dos comentários de Pedro. Pois, como eles bem sabiam, Davi não ascendera ao céu. Por isso as palavras que ele escrevera, Sl. 110.1: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés, não se podem referir a Davi. Por isso, como até os judeus admitiram, a passagem se precisa referir a Cristo; as palavras haviam encontrado seu cumprimento na ascensão de Jesus. Pedro, por isso, tendo trazido pelas evidências mais completas trazido provas sobre a afirmação que fizera em sua introdução, esteve pronto para fazer a conclusão e aplicação lógicas e de impacto. Ele apela, com convincente certeza e estremecedora integridade, não só aos ouvintes presentes, mas a toda a casa de Israel, que eles representavam, para terem a correta compreensão dos fatos expostos por seu sermão, a saber, que Deus fizera este mesmo Jesus, ao qual eles haviam crucificado, tanto Senhor como Cristo. Fizera-o Senhor, quando o exaltou ao trono eterno de majestade e poder; e o fizera Cristo quando comprovou que todas as antigas profecias sobre o Messias se referiam a Jesus de Nazaré. Jesus e todo seu ministério haviam sido justificados de um modo muito glorioso e incontestável. Essa é a pregação que em todos os tempos devia prevalecer na igreja cristã. Este é o conteúdo de qualquer proclamação cristã: Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, crucificado e ressurreto, nosso Senhor e Salvador.

O efeito imediato do sermão: *V. 37) Ouvindo eles estas coisas, lhes compungiu-se o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? 38) Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. 39) Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar. 40) Com muitas outras palavras deu testemunho, e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.* Pedro concluíra seu sermão com as palavras: Deus fez tanto Senhor como Cristo a este Jesus que vos crucificastes. Estas palavras finais, vindas depois de sua impressionante apresentação da verdade, não podiam deixar de ter este efeito. Elas penetraram os corações dos ouvintes, elas feriram seus corações. As pessoas ficaram profundamente comovidas, e se encheram de compunção e remorso. Sentiram, com a mais viva angústia duma má consciência, que eles à vista de Deus eram assassinos. Este é o começo do arrependimento: uma viva compreensão do pecado e uma tristeza profunda sobre a ofensa dirigida contra Deus. Isto é expresso pela pergunta ansiosa e apreensiva dos ouvintes: Homens e irmãos, o que faremos? Eles não desesperam por causa da grandeza de seu pecado, mas, em sua grande angústia, se voltam para Pedro por socorro. Foi uma pergunta momentosa, e ela recebeu uma resposta clara. O primeiro que Pedro os exorta a fazer é arrepender-se verdadeira e sinceramente, admitir toda culpa ante a presença de Deus, sem qualquer reserva ou evasiva, Pr. 28. 13. O segundo passo é que cada um daqueles, cujo coração dominado de tristeza e remorso, devia ser batizado no ou em nome de Jesus Cristo. Um batismo cristão é feito em nome de Jesus, porque a obra de Jesus tornou possível o dom do batismo, visto que ele é feito para remissão de pecados. Perdão dos pecados, perdão total, é dado ao pobre pecador por meio do lavar regenerador, Tt. 3. 5. O batismo não um mero símbolo ou alguma forma de iniciação na irmandade dos fiéis, nem é uma obra pela qual a remissão de pecados é merecida. A água do batismo, pelo poder da Palavra que está em e com a água, transmite e dá a remissão de pecados tal como ela foi merecida por Jesus Cristo. Notemos: Pedro usa tanto a lei como o evangelho, a primeira para operar uma compreensão plena e correta da corrupção, o último para abrir as comportas da misericórdia de Deus aos pobres pecadores. Mas há ainda um terceiro ponto que Pedro destaca. Onde se encontram arrependimento e fé no coração, lá é assegurado o dom do Espírito Santo, lá Deus graciosamente, só por pura misericórdia, derrama o Espírito Santo. O Espírito vive nos corações daqueles que são batizados e que crêem no nome do Senhor Jesus Cristo, e sua obra constante é santificar aos que crêem. Somos capacitados, pela habitação do Espírito, a produzir os frutos do Espírito. Pedro faz esta aplicação de modo muito enfático, declarando que a promessa de Deus para a salvação é para eles, que se refere a eles e a seus filhos, é sinceramente intentada a eles. Notemos que a promessa evangélica de Deus, também em relação à remissão de pecados como concedida pelo batismo, não é só para os adultos, mas também para as crianças; as crianças são indiscutivelmente incluídas na ordem de batizar. E a promessa do evangelho não foi confinada aos judeus e sua nação, mas foi dirigida também a todos os distantes, tantos quantos Deus chamaria para receber os benefícios e bênçãos de sua graça. É obra graciosa de Deus, apresentar o poder de sua misericórdia também entre os gentios, para que sua palavra seja aceita entre eles para sua salvação, de chamá-los a si como seus próprios filhos. Não há qualquer limite na universalidade desta promessa nem na beleza de seu significado. Aqui Lucas encerra o relato verbal do discurso de Pedro, adicionando simplesmente que ele, e sem dúvida também os demais apóstolos, testificavam muito seriamente, com muitos argumentos mais. E ao seu testemunho ele juntou a exortação, para confirmar e fortalecer a recém-nascida fé em seus corações, exortando-os de serem ou se tornarem salvos, de salvar suas almas separando-se da geração perversa e ímpia deste mundo. A força de fazê-lo lhes veio pela fé, estando presente neles o poder de Deus, e eles imediatamente precisam por este poder em ação, Fp. 2. 12. É necessário que os cristãos de todos os tempos façam uso do poder de Deus que está neles, que eles receberam pela fé.

O efeito do sermão no estabelecimento e no progresso da igreja: *V. 41) Então os que lhe aceitaram a palavra foram batizados; havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas. 42) E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. 43) Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. 44) Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum. 45) Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha*

necessidade. 46) Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, 47) louvando a Deus, e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos. A palavra de Deus que fora pregada com tanto poder e que tinha sido acompanhada com exortações tão sérias, não ficou sem fruto. Pela ação do mesmo Espírito, cujo poder milagroso estava evidente aos seus olhos, algumas das pessoas presentes, que chegou a um considerável número dos ouvintes, receberam pela fé a palavra, e aceitaram Jesus de Nazaré como o Messias prometido e foram batizadas. O batismo em o nome de Jesus Cristo serviu para o fortalecimento de sua fé na palavra do evangelho, e para a confirmação e selo de sua salvação em Cristo, do que Pedro havia testificado. Não faz sentido se este grande número de pessoas, que assim foram somadas ou juntadas às fileiras dos discípulos, foram batizadas por imersão (estando os necessários recursos presentes em Jerusalém, como os defensores da imersão declaram) ou não, visto que o modo do batismo não estar prescrito nas Escrituras Sagradas. Há muitos argumentos da probabilidade contra a imersão. Mas, seja como for, o fato é que estas pessoas foram somadas à, ou recebidas na, igreja cristão pelo sacramento do batismo, sendo seu número perto de três mil almas. As almas que são ganhas para Cristo são, desta forma, adicionadas à igreja.

Agora Lucas traça um quadro da primeira congregação cristão de Jerusalém, tendo como núcleo os apóstolos e os cento e vinte discípulos, e como corpo os três mil convertidos de pentecostes. O crescimento da igreja não foi só em número, mas também na fé e na caridade. Os membros da congregação continuaram, perseveraram, com grande fidelidade e devoção, nos ensinamentos, na doutrina dos apóstolos. Estes homens, por Cristo estabelecidos e ordenados como os mestres de toda a cristandade, foram naquela ocasião os mestres da congregação de Jerusalém. E a doutrina deles foi a doutrina de Cristo; eles ensinaram o que havia ouvido de Cristo; a palavra deles foi a palavra de Deus. Os discípulos, permanecendo firmemente nesta palavra, também conservaram a comunhão. Estiveram unidos na mesma fé e no mesmo amor ao seu Senhor e Mestre; estiveram em comunhão um com o outro, e em união com Cristo e o Pai, que foi uma intimidade maravilhosa e abençoada, pela qual estiveram mais unidos entre si do que irmãos e irmãs de sangue. Cada um sentia o interesse mais solícito pelas alegrias e tristezas do outro. Sua comunhão estreita era expressa no partir do pão. Caso esta expressão não se referir só à celebração da Santa Comunhão, ela certamente não exclui o sacramento. Cf. 1. Co. 10. 16. Ela, claramente, não se refere a uma refeição regular, e provavelmente foi usada por Lucas para descrever resumidamente a refeição em comum que os cristãos, nos primeiros tempos da igreja, ligaram à celebração da Ceia do Senhor. E da mesma maneira como os cristãos ouviram a palavra, da mesma forma como observaram a Eucaristia, assim também foram diligentes, assíduos, na oração pública. Os discípulos de Jerusalém manifestaram, por meio de oração, louvor e agradecimento comum, sua comunhão fraterna e sua unidade de espírito. Todos estes fatos, com certeza, não podiam ficar sem o conhecimento do povo da cidade, nem mesmo se os membros da congregação assim o tivessem desejado. O modo cristão no viver foi uma confissão constante e uma admoestação a todos os habitantes da cidade. O resultado foi, que muitos dos judeus, tantos quantos entraram em contacto com os cristãos, foram tomados de grande temor; o espanto solene que os milagres e sinais operados pelos apóstolos inspiraram, aumentou pela veneração requerida pelo seu viver sem dolo. A presença de Deus e do Cristo exaltado, por meio da manifesta operação do Espírito, em meio à congregação, precisou ser admitida por todos os que entraram em contacto com eles. E este temor também serviu para a difusão do evangelho; serviu como freio sobre o ódio dos judeus, impedindo-os de qualquer manifestação pública de sua inimizade. Foi intenção de Deus, que a plantinha jovem de sua igreja devia gozar por algum tempo dum crescimento em paz.

Enquanto isto o amor fraterno dos discípulos mostrou seu poder na vida e nos atos deles. Estiveram juntos; seus corações e suas mentes estiveram direcionados a sua causa comum, o fato que naturalmente os levou a se reunirem tantas vezes quantas possíveis, fosse no tempo ou em casas particulares, e isto não só para os cultos públicos, mas também para o trato social no verdadeiro espírito cristão. E eles tiveram tudo em comum; não praticaram o comunismo e não ab-rogaram o direito da propriedade particular. Não a posse, mas o uso e o benefício dos bens foi comum. Cf. cap. 4. 32. Cada membro da congregação considerava sua propriedade como um talento do Senhor, com o qual devia servir seu próximo. Este amor

fraterno em muitos casos realizou ainda mais. Venderam suas posses e bens, toda sua propriedade, e dividiram o produto entre os irmãos, tal como as necessidades o exigiam. Esta não foi uma lei proposta ou reforçada pelos apóstolos, mas foi uma livre manifestação de verdadeira caridade. Os cristãos abastados estiveram dispostos e desejosos para realizar estes sacrifícios, sempre que era evidente que esta era a única maneira pela qual as necessidades dos irmãos podiam ser supridas. Não qualquer sinal da arrogante indiferença que agora caracteriza o intercurso dos ricos com os pobres. Expressões de amor como esse poucas vezes, ou jamais, haviam sido vistas anteriormente na terra. E tudo isto foi feito sem qualquer tentativa de ostentação. Como era de se esperar, os cristãos, de comum acordo e em plena unidade de espírito, tinham suas reuniões públicas no templo, onde tinham oportunidade para testificar aos outros de sua nação a respeito da esperança que os animava. E não somente no templo eram feitas reuniões diárias, mas também se encontravam de casa em casa, principalmente para a celebração da Santa Comunhão e da ceia comum conhecida como *ágape*, onde juntos tomavam a refeição com grande alegria e exultação e também com toda a simplicidade de coração. Os membros mais ricos não se indignavam sobre o fato que os irmãos mais pobres compartilhavam do alimento que de sua abastança haviam provido, nem julgavam ser-lhes algo indigno sentar-se à mesma mesa. E os membros pobres nada possuíam da ridícula vaidade da pobreza de serem obrigados a aceitar a generosidade de outros. Todos estavam unidos nesta uma obra sublime, de dar louvor a Deus por todos os dons que ele derramara sobre eles. Não é de admirar que acharam as boas graças de todo povo. Cada judeu honesto e sincero naturalmente estimava os cristãos pela simplicidade, pureza e caridade de suas vidas. E, sendo a confissão da boca apoiada e confirmada pela evidência das obras, o resultado foi que diariamente se registravam adesões ao número dos cristãos. Mas Lucas afirma expressamente que o Senhor juntava à congregação aqueles que deviam ser salvos. A conversão de cada pessoa é somente um ato do Senhor, e é o resultado de sua vontade graciosa e boa pela salvação dos pecadores. Notemos: A congregação de Jerusalém é em tudo um exemplo luzente para as congregações cristãs e para os cristãos de todos os tempos. Se o mesmo amor à palavra de Deus, ao uso do sacramento, se esta mesma caridade desinteressada aos irmãos fosse evidente em nossos dias, então cada congregação também se sobressairia da mesma forma. E esta é a vontade de Cristo, o Cabeça da igreja.

Capítulo 3

A Cura Do Homem Manco. At. 3. 1-11.

O mendigo manco: *V. 1) Pedro e João subiam ao templo para a oração da hora nona. 2) Era levado um homem, coxo de nascença, o qual punham diariamente, à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam. 3) Vendo ele a Pedro e João que iam entrar no templo, implorava que lhe dessem uma esmola.* Lucas narra aqui, de todos os sinais e maravilhas que os apóstolos realizaram para a confirmação do seu ensino, um que se destaca dos demais por causa da atenção que despertou. Os discípulos, depois da ascensão de Cristo e nem depois do dia de pentecostes, não abandonaram os costumes da religião judaica que não conflitavam com o ensino de Jesus. (Assim também Lutero, com tacto conservador, ele não permitiu que tendências iconoclásticas direcionassem seus esforços reformatórios.) Tal como antes, observaram as horas de oração dos judeus. Na hora nona, isto é, às três horas da tarde, que foi o tempo do sacrifício da tarde, Pedro e João subiram ao templo para orar. Nessa hora as orações dos cristãos subiam como incenso suave às narinas de Deus, e o erguer de suas mãos acompanhava o trazer do sacrifício da tarde. Mas, quando os dois apóstolos chegaram ao templo, se viram barrados por uma ocorrência peculiar. Certo homem, que deste seu nascimento fora manco, e de modo algum conseguia andar, mas precisou ser carregado de um lugar ao outro, diariamente era colocado por amigos ou conhecidos junto à porta do templo que era conhecida como a “A Formosa”, onde cumpria sua missão de mendigo solicitando esmolas aos visitantes do templo. O templo em si estava situado numa elevação olhando do alto sobre a cidade, sendo por isso que os apóstolos precisaram subir para visitar seus pátios e salas. “Foi talvez a porta que do pátio das mulheres dava acesso para o leste, ou aquela entre o pátio das

mulheres e o pátio de Israel (não se sabendo qual) fora dada por um certo Nicanor e era de excelente bronze corintiano. Ela às vezes foi chamada ‘A Porta Formosa’ e outras vezes ‘Porta de Nicanor’. Foi junto a esta porta, e por isso perto do cofre do tesouro onde o povo ofertava seu dinheiro para a religião, que Pedro e João acharam o homem manco pedindo esmola.”¹¹⁾ O coxo provavelmente já vira muitas a Pedro e João, mas esta foi a ocasião em que o Senhor quis mostrar-lhe um ato de especial misericórdia. Ele olhou aos dois apóstolos quando estava por entrar, e pediu deles uma esmola.

O milagre da cura: *V. 4) Pedro, fitando-o, juntamente com João, disse: Olha para nós. 5) Ele os olhava atentamente, esperando receber alguma coisa. 6) Pedro, porém, lhe disse: Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda! 7) E, tomando-o pela mão direita, o levantou; imediatamente os seus pés e artelhos se firmaram; 8) de um salto se pôs em pé, passou a andar e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus. 9) Viu-o todo o povo a andar e a louvar a Deus, 10) e reconheceram ser ele o mesmo que esmolava, assentado à porta Formosa do templo; e se encheram de admiração e assombro, por isso que lhe acontecera. 11) Apegando-se ele a Pedro e a João, todo o povo correu atônito para junto deles no pórtico chamado de Salomão.* Tendo sido a atenção dos apóstolos dirigida ao mendigo, que de outra maneira poderiam ter deixado de lado, tal como provavelmente o haviam feito muitas vezes, Pedro de modo muito atento o encarou. Seu coração esteve profundamente comovido diante da condição desamparada e lamentável do aleijado, e seu fitar sério pode ter tido algo daquela compaixão maravilhosa que tantas vezes brilhou da face de seu Mestre. Disse então ao mendigo para que olhasse a ele e a João, com o propósito de despertar sua curiosidade e atenção, para que este homem imediatamente estivesse cômico da fonte da cura milagrosa. E, quando o aleijado concentrou sua atenção nos dois apóstolos, esperando, com certeza, receber deles algum dom, Pedro simplesmente, mas de modo comovido, lhe disse: Prata e ouro não tenho; a estes ele não enumerou entre suas posses, compartilhando, desta forma, a condição de seu Senhor e de muitos servos do Senhor desde então. Pertences terrenos não estavam incluídos entre seus tesouros; mas o que realmente possuiu foi infalível e duradouro. E a isto Pedro esteve disposto a dar, de repartir com o pobre homem. Havia sido dado aos apóstolos o poder de realizar milagres com o propósito de confirmar o evangelho, e Pedro se propôs para usar este poder para a cura deste infeliz aleijado. E por isso sua ordem ecoou: No nome de Jesus Cristo de Nazaré levanta e anda. O poder de Pedro para realizar milagres não foi absoluto, ele o detinha unicamente pelo mandamento, no poder, e no interesse de seu Senhor e Mestre Jesus, e o podia usar só em seu nome. A seguir Pedro tomou a mão do Senhor, agarrando-o firmemente para lhe dar confiança, e o ergueu, parou-o de pé. Imediatamente se realizou o milagre. Os pés do homem se tornaram firmes sob seu peso e seus tornozelos se firmaram; tanto ossos como músculos receberam tanto a força como também a capacidade de empregar corretamente esta força. Enquanto Pedro ainda segurava sua mão, ele saltou; primeiro parou em pé, como para testar o peso que seus pés carregavam, ou para sentir a sensação de manter uma posição ereta. A seguir livremente deu uma volta, sem qualquer traço de aleijamento; e até entrou com Pedro e João na igreja, no pátio de Israel, que era o lugar onde os homens adoravam. E sempre de novo, na plenitude de sua felicidade, dava voltas e até pulava, como se se sentisse constrangido para se convencer de que não estivesse sonhando, mas que o milagre era um fato. Sua adoração naquela tarde foi realizada da profundeza dum coração extravasando gratidão, pelo que ele também louvou a Deus, dando toda glória e honra àquele a quem Pedro se referira em sua ordem de cura. Tudo isto, com certeza, não foi feito sem atrair a atenção. Naquele momento grande número de pessoas entrava no templo para o sacrifício da tarde, e elas reconheceram o homem que passeava e pulava na alegria de seu coração como sendo o mendigo que tantas vezes haviam visto junto à porta do templo. A conclusão foi evidente neste caso. Havia sido realizado um milagre que os agitou e abalou, e os encheu de admiração e assombro. Seu espanto estava misturado com admiração e reverência próximo ao pasmo. Mas não podia haver qualquer dúvida quanto ao fato do acontecimento. Pois lá estava o homem agarrado aos apóstolos como os seus benfeitores; como também havia as expressões de sua alegria e gratidão, e o fato que ele tinha as condições de caminhar e pular. Por isso, não passou muito

¹¹⁾ Barton, *Archeology and the Bible*, 209, 210.

tempo, e todas as pessoas que haviam vindo ao templo, esquecendo o sacrifício da tarde e a hora do incenso, se aglomeraram ao redor de Pedro e de João, que agora haviam saído para o belo pórtico ou vestibulo conhecido como Pórtico de Salomão. Notemos: Cada um que experimentou o socorro do Senhor devia dar todo louvor e gratidão devidos a ele e devia confessar seus benefícios ante as pessoas. Marquemos também: Ainda que os dons de milagres e realizações extraordinárias de milagres foram uma distinção especial da igreja apostólica, a mão do Senhor ainda assim não se encolheu para a realização de milagres na igreja. Os milagres de sua graça, acima de tudo, são de tal natureza que, em certas ocasiões, provocam a admiração até mesmo dos filhos do mundo.

O discurso De Pedro No Templo. At. 3. 12-26.

Uma aplicação enfática da lei: *V. 12) À vista disto, Pedro se dirigiu ao povo, dizendo: Israelitas, por que vos maravilhais disto, ou por que fitais os olhos em nós como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar? 13) O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Servo Jesus, a quem vós traístes e negastes perante Pilatos, quando este havia decidido soltá-lo. 14) Vós, porém, negastes o Santo e o Justo, e pedistes que vos concedessem um homicida. 15) Dessarte matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas.* Nesta narrativa, bem como na do capítulo anterior, a gente se admira diante da ousadia de Pedro. Ele que apenas poucas semanas antes se havia acovardado diante desdém duma serva e que vergonhosamente negara seu Mestre, aqui fala na presença de grande multidão, que estão no vestibulo do próprio templo, e atira a acusação do assassinato no rosto dos judeus. Pedro com espanto viu que a admiração se dirigia a João e a ele. Por isso, imediatamente, começa a corrigir esta idéia falsa. Os homens de Jerusalém não deviam se tomar de surpresa e admiração, nem deviam olhar fixamente a eles como se eles por seu próprio poder ou por causa de sua própria santidade houvessem feito andar o homem. Pedro nega que ele e João tivessem um poder físico como o que as pessoas imaginavam, ou tivessem condição tão digna e uma tal capacidade de alma. A admiração das pessoas devia ser dirigida ao real Autor do milagre, cujos agentes e servos indignos os apóstolos somente eram. E quando dá toda a glória ao Pai celeste e ao Cristo exaltado, Pedro expressa de modo ainda mais forte a culpa dos judeus. o Deus de Abraão e de Isaque e de Jacó, de quem os judeus estavam acostumados a falar com vaidade como o Deus de seus pais, esse havia glorificado seu Unigênito, seu Filho, neste milagre, visto que fora realizado no nome e no poder de Jesus Cristo. Em vivo contraste a esta verdade esteve o fato que eles haviam entregue Jesus no poder do governo romano, e sobre eles amontoaram vergonha e opróbrio. Os judeus haviam negado de modo blasfemo seu Senhor perante Pilatos; o juiz ímpio havia pronto a lhe dar a liberdade. Os judeus haviam negado o Santo e Justo, em todo o mundo a única pessoa que verdadeiramente merecia estes atributos; haviam exigido, com toda forma de adulação e ameaça, que lhes fosse concedido como presente de páscoa, uma pessoa assassina, que lhes fosse solto Barrabás. Os judeus haviam morto, assassinado, a Jesus; mas ele foi o Príncipe da Vida, o Autor, a Fonte da vida. Diante todo este comportamento dos judeus, por isso, está a maneira como Deus testemunha de Jesus, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, um fato do qual todos os apóstolos podiam dar o mais enfático testemunho. O milagre só podia ser explicado assim.

A base dos fatos presentes na profecia: *V. 16) Pela fé em o nome de Jesus, esse mesmo nome fortaleceu a este homem que agora vedes e reconheceis; sim, a fé que vem por meio de Jesus, deu a este saúde perfeita na presença de todos vós. 17) E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades; 18) mas Deus assim cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas que o seu Cristo havia de padecer.* Pedro havia pregado a lei aos judeus reunidos; mostrara-lhes a abominação de sua transgressão contra seu Senhor e Salvador; incutiu-lhes a convicção de que diante de Deus eram terrivelmente culpados. No que dizia respeito ao milagre, sobre o qual estavam tão impressionados, a explicação era muito simples. Havia sido realizado no nome de Jesus, por meio do seu poder. No fundamento da fé em Jesus, pela fé em Jesus, sua palavra e sua promessa, Mc. 16. 17, 18; Jo. 16. 23, o nome de Cristo e o poder que está contido em seu nome haviam dado vigor ao aleijado que viam e conheciam; foi até aqui que alcançou a participação dos apóstolos nos

milagre. E quanto ao homem coxo, a fé que existe por meio de Cristo, que é concedida por ele, havia concedido ao homem infeliz saúde e força total e perfeita na presença desta audiência, diante dos próprios olhos deles. Por isso, em breves palavras, a explicação foi esta: O poder, a majestade, do Cristo exaltado havia operado pelos apóstolos, e o homem doente havia aceito pela fé o dom da saúde.

Pedro, tendo isto sido estabelecido, agora traz o consolo do evangelho aos pecadores. Dirige-se aos presentes como irmãos. Ele admite que seu crime horrível foi cometido por ignorância, e seus chefes podem escusados com base na mesma desculpa. A culpa deles ainda existia, mas era menor do que se tivessem cometido o crime com pleno conhecimento e intenção deliberada. Por meio disso cumpriu-se o conselho e o plano de Deus. O que ele proclamara anteriormente pela boca de todos os profetas, a saber, que Cristo, o Cristo de Deus, precisou sofrer desta forma, se cumprira na paixão de Jesus, tal como ela acontecera. Somente assim foi possível resgatar Israel e todo mundo corrompido de todo pecado e culpa. O sangue e a morte de Jesus é de fato a remissão dos pecados de todo o mundo. Pois, tendo em vista que ele é o Príncipe, a Fonte, o Autor da vida, então é o martírio *de Deus*, o sangue *de Deus*, a morte *de Deus* que é colocado na balança. E Deus Pai aceitou o sacrifício, e está reconciliado com os pecadores. Ele confirmou de modo inquestionável este fato quando ressuscitou Jesus da morte e quando o glorificou e exaltou à mão direita de sua majestade. Tudo isto é consolo celeste para pobres pecadores.

O caminho do perdão: *V. 19) Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, 20) a fim de que da presença do Senhor venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, 21) ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade.* A ignorância dos judeus havia sido admitida por Pedro para o enfraquecimento de sua culpa, mas de modo algum considerá-los inocentes. Ele os exorta, por isso, a que se arrependam, que uma total mudança de mente e coração ocorra neles, e que sejam convertidos, que retornem, que mudem completamente para o cancelamento dos seus pecados. Todos os que dos pecados se voltam a Cristo, o Salvador dos pecadores, terá removido seus pecados e completamente riscados. A fé recebe o perdão de pecados, e onde há perdão de pecados, lá também há vida e salvação. E esta conversão devia ocorrer imediatamente, sem delonga, para que pudessem ocorrer tempos de refrigério, para que tempos de recreação, de repouso, de renovação venham da face do Senhor, e também para que Cristo que fora indicado para vós, ou seja Jesus, possa ser enviado. Jesus não foi só o Messias em quem fora cumprida a aliança feita com Davi, mas ele também é o Senhor, o Rei messiânico, que no último dia retornará em glória. Quando Jesus, a quem agora, por decreto de Deus, os céus receberam, e que tem por posse todos os céus, há de retornar no tempo indicado, então iniciarão os tempos eternos da restituição de todas as coisas, dos quais Deus falou, desde que o mundo começou, por meio da boca de todos os seus santos profetas. O tempo quando esta mudança maravilhosa poderá ser esperada, esse está inteiramente nas mãos de Deus e poderá ocorrer sem qualquer advertência. Por conseguinte, é de grande importância, que arrependimento e conversão ocorram tão logo que possível, e sem delonga. Agora é o tempo aceitável, agora é o dia da salvação. 2. Co. 6. 2.

Uma exortação final: *V. 22) Disse, na verdade, Moisés: O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. 23) Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta, será exterminada do meio do povo. 24) E todos os profetas, a começar por Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias. 25) Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra. 26) Tendo Deus ressuscitado ao seu Servo, enviou-o primeiramente a vós outros para vos abençoar, no sentido de que cada um se aparte das suas perversidades.* Pedro destaca na última parte de seu discurso, que Jesus de Nazaré de fato foi o Messias indicado aos judeus, e que as profecias nele se cumpriram. Moisés fizera, em uma de suas últimas profecias aos israelitas no deserto, uma afirmação clara, uma que não se referia só a um profeta humano, mas Àquele um cujas palavras demandam obediência absoluta. Moisés falara desse Profeta que devia vir como aquele que era igual a ele. Assim como Moisés foi o mediador entre Deus e o povo, tanto lhe transmitindo a mensagem de Deus e em se colocar entre os mortos e os vivos,

assim Jesus é o verdadeiro mediador entre Deus e a humanidade pecadora; assim como Moisés foi o resgatador de seu povo quando os conduziu para fora da casa da servidão do Egito, assim Jesus resgatar todas as pessoas da servidão do pecado, da morte e da condenação. O Profeta, por isso, que Moisés tivera em mente não pode ser outro do que Jesus Cristo. Os profetas precisam obedecer a este maior de todos os profetas, como o exigia a profecia de Moisés, Dt. 18. 15, 18, 19, em todos os seus ensinamentos dados a eles. O castigo da desobediência, como dissera Moisés, foi que seria requerido de cada pessoa rebelde, em geral com a sentença de morte, Ex. 12. 15, 19; Lc. 17. 4, 9. Aqui Pedro dá a transcrição e explanação das palavras de Moisés, dizendo que cada alma, que fosse culpada de proposital desobediência a este grande Profeta, devia ser completamente destruída do meio do povo, devia ser punida com a eterna condenação. E Moisés não foi deixado sozinho com seu testemunho, mas sua profecia é apoiada e corroborada por todos os antigos profetas, começando com Samuel, como o fundador das escolas de profetas. Todos quantos profetizaram fizeram proclamação destes dias, os dias de Cristo e do reino messiânico com todas as suas promessas de salvação. Todo o conforto destas profecias e promessas, como Pedro finalmente assegurou aos seus ouvintes, foi dirigido a eles, e lhes devia ser uma fonte de alegria. Os judeus se orgulhavam de sua origem e de sua nação, e, de certa maneira, tinham razão de sê-lo. Pois eram filhos de profetas e da aliança que Deus arranjara e estabeleceu com seus pais. Eram, acima de tudo, herdeiros da promessa que fizera a Abraão, Gn. 12. 3; 18. 18; 22. 18, e a Isaque, Gn. 26. 4, e a Jacó, Gn. 28. 14, em que ele afirmou que todas as famílias, parentes, gerações, ou pessoas deviam ser abençoadas na semente deles, em seu grande Descendente, Jesus de Nazaré. Em Jesus Cristo veio a bênção da completa salvação, da completa redenção a todas as pessoas de todo o mundo, não só aos judeus, mas também aos gentios. Os judeus, porém, receberam a primeira oportunidade de gozar as bênçãos do Senhor ressuscitado, assim como também Cristo passara o tempo do seu ministério exclusivamente em seu meio. Deus, tendo ressuscitado seu Descendente, seu Filho, da morte, e desta forma selado o acolhimento da redenção realizada por meio dele, enviou-o para abençoar, para trazer a bênção desta redenção, pelo trabalho dos apóstolos, aos judeus. Todas as bênçãos e benefícios do Salvador lhes seriam transmitidos em e por meio da conversão, nisto, que converte cada um de suas iniquidades. Esta é a vontade de Deus com respeito a cada pecador, que ele se converta de seus caminhos mais e de suas transgressões e aceite as bênçãos de Cristo e de sua expiação.

Resumo: Pedro cura um homem aleijado junto à porta do templo, após isso o espanto do povo lhe dá a oportunidade de falar-lhe de Jesus Cristo, o Messias, e sua expiação.

Capítulo 4

Pedro E João Perante O Tribunal Dos Judeus. At. 4. 1-22.

A prisão dos apóstolos: *V. 1) Falavam eles ainda ao povo quando sobrevieram os sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus; 2) ressentidos por ensinarem eles o povo e anunciarem em Jesus a ressurreição dentre os mortos; 3) e os prenderam, recolhendo-os ao cárcere até, ao dia seguinte, pois já era tarde. 4) Muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil.* O Senhor havia permitido que, até este tempo, o crescimento da igreja não fosse perturbado, desenvolvendo-se o trabalho dos apóstolos sem interrupção e tendo os discípulos abundância de oportunidades para serem fortalecidos na fé. Mas sob tais condições foi impossível aos antigos inimigos ficarem inativos. A ocasião presente ofereceu-lhes uma oportunidade bem-vinda para interferir e na atividade dos apóstolos e barrá-la. Pedro ainda não havia concluído seu discurso ao povo, e João também se dirigia a alguma parte da multidão, quando uma corporação de homens armados veio apressadamente pelo pátio. Estavam presentes os sacerdotes, que estavam irritados, sem dúvida, porque o povo, em seu assombro sobre a cura do homem coxo, havia desprezado o sacrifício da tarde e a hora da oferta de incenso. Estava presente o capitão do templo, “o homem do monte do templo,” que tinha a seu cargo os sacerdotes e levitas que guardavam o templo e seus arredores, alegadamente agindo também como polícia. De noite o número de guardas

necessários para as vinte e uma estações externas e as três internas chegava a 240 levitas e 30 sacerdotes.¹²⁾ A desculpa para esta oficiocidade foi, provavelmente, que a paz do templo estava sendo perturbada pela aglomeração. E, por fim e principalmente, estavam presentes os saduceus, os membros do partido do sumo sacerdócio, que sentiram que este agravo era algo duro a suportar. Pois todo o impacto era contra a negação da ressurreição dos mortos, sustentada pelo saduceus;

todas as falas dos apóstolos estiveram baseadas sobre este um fato, que Jesus foi ressuscitado dos mortos, e que este fato atestou sua messianidade. Jesus, de fato, em certa ocasião havia sustentado a ressurreição dos mortos contra o erro dos saduceus, Mt. 22. 23-33, os quais, contudo, haviam obstinado seus corações contra a verdade e estavam decididos a não tolerar este ensino. A confissão da ressurreição dos mortos com base na ressurreição de Cristo é uma fonte de zombaria e oposição aos cristãos de todos os tempos. Os funcionários judeus sabiam que o sucesso de seu plano dependia duma ação rápida. Por isso já não mais perderam tempo para expostulação ou acusação; simplesmente deitaram mãos violentas sobre os dois apóstolos, prenderam-nos, e durante a noite os puseram num lugar de custódia, visto que na manhã seguinte queriam chamá-los a juízo. Contudo a pregação de Pedro e João, apesar disso, não ficou sem resultado. Pois houve muitos dentre a multidão de ouvintes que ouvira a Palavra em cujos corações foi acesa a fé, que creram no Senhor que lhes fora proclamado. E foi desta forma que o número de cristãos, sendo, conforme o costume oriental, contados só os homens, chegou a cerca de cinco mil. A igreja se expandiu com o poder do Espírito que pela Palavra influencia os corações, e apesar do perigo ameaçador.

O sinédrio em conselho: *V. 5) No dia seguinte, reuniram-se em Jerusalém as autoridades, os anciãos e os escribas, 6) com o sumo sacerdote Anás, Caifás, João, Alexandre e todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote; 7) e, pondo-os perante eles, os argüiram: Com que poder, ou em nome de que fizestes isto?* Na manhã seguinte era grande a agitação nos círculos oficiais de Jerusalém; pois, acaso não estavam por apagar a seita odiada que estava ganhando adeptos do seu meio com uma rapidez tão alarmante? Foi, por isso, uma reunião muito formal e plena do sinédrio, que se reuniu tão logo que todos puderam ser notificados; pois o texto parece indicar que alguns moravam fora da cidade. Estavam presentes os governantes e os anciãos e os escribas, isto é, os membros mais proeminentes e influentes do sacerdócio, em especial os saduceus; aqueles cuja idade e conhecimento os destacava dos demais; e os escribas profissionais que, via de regra, pertenciam aos fariseus. Mas quem a todos excedia foram os membros da família sumo sacerdotal: Anás, ainda que aposentado pelos romanos, mas que conservava muitos dos direitos e encargos do ofício; Caifás, seu genro, e o sumo sacerdote atualmente no poder; João, Alexandre, e todos quantos pertenciam ao parentesco do sumo sacerdote. “Anás, a quem Lucas chama, tanto aqui como em sua narrativa anterior, sumo sacerdote, foi o sumo sacerdote legítimo, mas fora deposto por Valério Grato, o antecessor de Pilatos, e Caifás, seu genro, pelo mesmo procedimento ilegal, haviam sido colocados no lugar, assim que, enquanto o último detinha o ofício, o outro era legitimamente habilitando a tanto, e pelo povo era reconhecido como sumo sacerdote.”¹³⁾ Depois que formalmente o conselho foi aberto, com seus membros sentados em semi-círculo, os dois apóstolos foram postos no centro diante deles. Do versículo 14 parece que anteriormente coxo, não querendo que seus benfeitores fossem acusados ou feitos sofrer sem sua presença e solidariedade, também apareceu e tomou lugar ao lado deles. Agora os acusados foram perguntados, formalmente, para prestarem contas de sua ação: Com que poder e em nome de quem fizestes isto? O próprio milagre não podia ser negado. O que a pergunta arrogante e um tanto mordaz quis destacar, foi que espécie de poder e autoridade os apóstolos estavam assumindo; graças a que nome se ousavam realizar tais obras. Parece que a corte quis forçar a acusação adivinhação ou feitiçaria sobre os apóstolos. Cf. Dt. 13. Incidentalmente, os líderes judeus podem ter esperado que Pedro e João falariam palavras afoitas ao responder a resposta que, propositalmente, era ambígua, fornecendo assim motivo para um julgamento.

A fala de defesa de Pedro: *V. 8) Então Pedro, cheio do Espírito santo, lhes disse: Autoridades do povo e anciãos: 9) Visto que hoje somos interrogados a propósito do benefício*

¹²⁾ Edersheim, *The Temple*, 147, 148.

¹³⁾ McGarvey, *New Commentary on Acts*, 69.

feito a um homem enfermo e do modo por que foi curado, 10) tomai conhecimento vós todos e todo o povo de Israel de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós. 11) Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular. 12) E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos. Agora se cumprira, no caso de Pedro, o que Jesus prometera, Lc. 12. 12. Foi enchido do Espírito Santo; o Espírito Santo tomou conta de sua mente e de sua boca e guiou a ação dos dois. Pedro, dirigindo-se a eles, de modo solene, enfático e audaz, como os governantes do povo e anciãos, faz uma confissão de sua fé e do seu ministério. Ele não se esquece do debochado “vós” da pergunta, mas afirma: Se, como é o caso, nós, sobre quem cumulais escárnio, somos examinados por causa, sobre, o feito bom mostrado ao homem enfermo. Notemos a excelente ironia de oratória na afirmação. Ela repreende os governantes judeus por fazerem crime de atos de bondade e caridade. Visto que os membros do sinédrio queriam saber sobre o modo em que, por que meios, ou “em quem” este homem fora curado completamente, então devia ser sabido, não por todos eles, mas também por toda a nação de Israel, que este homem estava parado, estava presente, diante deles em plena saúde no nome de Jesus Cristo de Nazaré, ao qual eles haviam crucificado, mas a quem Deus havia ressuscitado dos mortos. Esta foi a resposta de Pedro, uma afirmação que não precisou de provas; pois os juízes não podiam negar que o milagre com o homem, em pé perante eles, realmente ocorrera. E quanto à refutação à reivindicação de Pedro sobre como o milagre ocorrera, não podiam, com algum fio de esperança, mencionar qualquer outro poder ou nome por meio do qual uma tal ação pudesse ter sido feita. E a candura de Pedro só é igualada com sua coragem. Pois, deliberadamente, pressiona sua vantagem para mais longe ostentando diante dos olhos de seus juízes a passagem Sl. 118. 22, a qual Jesus, tão só pouco tempo antes, citara a uma comissão do mesmo sinédrio, Mt. 21. 42; Mc. 12. 10; Lc. 21. 17. Os chefes dos judeus foram semelhantes a homens que tentaram construir uma casa, e insensatamente rejeitaram a única pedra que era viável para a pedra de esquina da fundação sobre que devia apoiar-se toda a edificação. Jesus foi a Pedra ordenada por Deus como o fundamento de sua igreja. Os judeus, porém, haviam rejeitado a Cristo, e desta forma proferido sobre si mesmos o juízo. Jesus, apesar de tudo isto, foi e permanecerá a Pedra angular, o próprio fundamento do santo templo que ele está erguendo para si mesmo. E não só isto, mas, como Pedro jubilosamente exclama: Em nenhum outro há salvação, pois também não há outro nome sob o céu que é dado entre os homens em que devemos ser salvos. É completa a salvação conseguida por Jesus, e ela é a única salvação que pode ser encontrada. Seu nome, que a Palavra da redenção, é concedido, é proclamado entre as pessoas, em todo o mundo, e todo aquele quer ser salvo precisa voltar-se a esta uma Fonte e único Autor da vida eterna. “Mas o nome de Cristo é apreendido pela fé somente. Somos salvos, por conseguinte, pela confiança no nome de Cristo, não pela confiança em nossas obras. Pois ‘nome’, aqui, designa a causa mencionada e graças à qual se alcança a salvação. E alegar o nome de Cristo é confiar em seu nome como causa e preço por que nos salvamos,”(nota do tradutor: procurei no Livro de Concórdia, tradução de Arnaldo Schüler; Apol. Art. IV. Pág. 125, 98, que me parece ser a citação feita pelo exegeta nesta passagem).¹⁴⁾

A consulta do sinédrio: *V. 13) Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus. 14) Vendo com eles o homem que fora curado, nada tinham que dizer em contrário. 15) E, mandando-os sair do sinédrio, consultavam entre si, 16) dizendo: Que faremos com estes homens, pois, na verdade, é manifesto a todos os habitantes da Jerusalém que um sinal notório foi feito por eles, e não o podemos negar; 17) mas, para que não haja maior divulgação entre o povo, ameaçamo-los para não mais falarem neste nome a quem quer que seja.* Os governantes judeus haviam esperado que em sua presença Pedro e João manifestassem medo e timidez, que fossem vencidos pela dignidade e o saber dos membros do conselho. Em vez disso, porém, em seu comportamento houve uma liberdade e confiança e na fala de Pedro um intrépido candor que da parte deles compelia respeito. Quanto mais contemplavam o comportamento dos homens, tanto mais se lhes impunha esta convicção. E esta impressão foi

¹⁴⁾ *Apologia*, Mueller, 105.

aumentada pelo fato que os juizes haviam recebido, fosse pela veste deles ou seu dialeto, que os dois homens perante deles, de fato, eram homens iletrados e ignorantes, que não somente eram versados na lei e em todo o saber judeu, mas, na verdade, não sabiam escrever mas eram completamente iletrados. Havia ainda outro ponto que os membros do conselho observaram agora, que estes homens haviam pertencido ao pequeno grupo dos seguidores de Cristo. Este reconhecimento lhes veio neste ponto, visto que haviam visto Pedro e João como dois seguidores de Jesus, e visto que João foi um conhecido pessoal de Caifás, Jo. 18. 15, 18. Nenhuma admiração que estes fatos, que gradualmente dominaram a percepção dos juizes, fez com que estivessem sentados em silêncio confuso. Pois no que dizia respeito ao milagre, qualquer tentativa de negação seria pior do que fútil, visto que o antigo coxo estava perante seus olhos, reto de pé e sadio. A evidência do milagre falava tão forte como os próprios apóstolos. E os governantes nada tinham a declarar. Finalmente foi quebrado o silêncio por meio da proposta, e a ordem nela firmada, que os homens deixassem a sala do conselho por algum tempo, sendo, sem dúvida, sido colocados sob vigilância. Agora os juizes se sentiram livres para considerar o assunto; trocaram suas idéias e opiniões sobre o caso. A essência da discussão é dada por Lucas. Não havia qualquer negação de que um milagre muito evidente havia sido realizado, que também chegara ao conhecimento de todo o povo de Jerusalém. Tentar negar estes fatos teria pior do que inútil, teria a pior das loucuras. Alguém, porém, propôs um empenho para impedir a expansão da verdade, e a proposta rapidamente foi tornada em resolução. Resolveram com seriedade, para que a mensagem e o movimento que a acompanhava não se expandissem para mais além e fossem disseminados entre o povo comum, semelhante a uma semente que prometia uma colheita abundante, ameaçar os apóstolos para que não mais falassem sobre o nome de Jesus, tornando a ele e seu evangelho o assunto de suas palestras. Não deviam falar com qualquer pessoa, nem mesmo com uma só, sobre o nome por eles reverenciado acima de todos os outros nomes. Notemos: Os filhos descrentes deste mundo não podem negar que o poder de Deus é poderoso no ensino e nas vidas dos cristãos. Mas, ainda assim, permanecem hostis ao nome de Cristo e fazem todo empenho para suprimir a proclamação do evangelho. Desta forma os descrentes, com sua incredulidade e inimizade contra Cristo, agem em total oposição à sua própria consciência e melhor informação.

A resolução anunciada a Pedro e João: *V. 18) Chamando-os, ordenaram-lhes que absolutamente não falassem nem ensinassem em o nome de Jesus. 19) Mas Pedro e João lhes responderam: Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; 20) pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos. 21) Depois, ameaçando-os ainda, os soltaram, não tendo achado como os castigar, por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera. 22) Ora, tinha mais de quarenta anos aquele em quem se operara essa cura milagrosa.* Agora Pedro e João foram chamados de volta para a reunião do conselho, e a resolução foi-lhe anunciada em sua interpretação mais rígida. Não deviam de modo algum proferir uma palavra nem ensinar em o nome de Jesus. Não deviam, nem em sua conversa privada, e muito menos ante uma reunião pública, falar ou ensinar uma só coisa a respeito de Jesus. Foi uma proibição sucinta e compreensiva. Mas tanto Pedro como João, desconsiderando sua própria segurança como também até a imagem da prudência, resolutamente expressaram seu propósito de desconsiderar a ordem do sinédrio. E ao afirmarem isto, eles de modo modesto, mas firme, apelaram para a consciência dos juizes. Deviam julgar por si mesmos, se é conforme o que é legal e justo diante de Deus obedecer a eles antes do que a Deus. Atuando como que diante de Deus, e seguindo as ordenações da verdade e justiça eternas, não ousamos calar. Não pode ser certo obedecer ao homem contra a vontade e o mandamento de Deus. É-nos impossível não falar o que temos visto e ouvido. Todas as coisas são possíveis aos cristãos em Cristo, é-lhe, porém, impossível silenciar onde a Palavra e a honra de Deus e de seu Senhor Jesus Cristo entram em questão. Pois, neste caso, silêncio é equivalente à negação, e negação significa cair da graça. Deste modo recusa desafiadora foi afirmada ante o sinédrio, cujos membros se sentiram incapazes de reagir. Viram-se obrigados a contentar-se com uma outra ameaça adicional e séria, sobre o que aconteceria, caso se atrevessem em desobedecer. Este foi, desta forma, o triste auge do feito vingativo do sinédrio. Foram obrigados a despedir os dois apóstolos; não havia alguma questão, nenhuma causa segundo a qual pudessem puni-los. E o medo que tinham do povo foi mais outro fator que aconselhava prudência. Pois todas as pessoas só tinham louvor a Deus sobre o milagre que fora

realizado, que foi um fato tanto mais notável tendo em vista que o antigo coxo não só estivera coxo desde seu nascimento, mas tinha mais de 40 anos quando foi curado. Os membros do conselho, de modo particular e secreto, alimentavam seu ressentimento, firmemente resolvidos de aproveitar a primeira oportunidade, que se oferecesse, para desferir um golpe decisivo. Notemos: Os verdadeiros cristãos estão cheios de zelo missionário onde quer que estejam e em qualquer coisa que façam. E quando as pessoas tentam barrá-los, quando o governo proíbe a pregação do evangelho, então eles se recusam a concordar com a vontade das pessoas e são obedientes a Deus, que lhes ordenou confessar a Cristo, a pregar o evangelho.

A Oração E O Posterior Estabelecimento Da Congregação. At. 4. 23-37.

O relatório dos apóstolos e a oração: *V. 23) Uma vez soltos, procuraram aos irmãos e lhes contaram quantas coisas lhes haviam dito os principais sacerdotes e os anciãos. 24) Ouvindo isto, unânimes levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; 25) que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca de nosso pai Davi, teu servo: Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram coisas vãs? 26) Levantaram-se os reis da terra e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido; 27) porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e povos de Israel, 28) para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram.* Os inimigos haviam sido vencidos pelo poder do testemunho do Espírito pela boca dos apóstolos. Os dois discípulos haviam sido dispensados por falta de alguma questão condenatória contra eles. Eles vieram aos seus, aos seus discípulos colegas, que estiveram reunidos como era seu costume. Fizeram um relatório a todos estes membros da comunidade cristã de tudo o que os sumos sacerdotes e anciãos, que eram os membros do sinédrio, lhes haviam dito. E o resultado foi uma irrupção espontânea de oração, na forma dum hino envolto na linguagem tirada dos salmos, da parte de toda sua assembléia. Aqui se manifestou a vida espiritual vigorosa dos antigos cristãos, e o próprio Espírito lhes ensinou as palavras de sua oração poderosa. Dirigiram sua oração ao todo-poderoso Dono do universo, àquele que criou céus e terra e mar e todas as criaturas que os habitam, ante quem nada é impossível, que conserva na concha de sua mão o destino de todo o mundo, e que os dirige para que se adequem aos seus propósitos. Como aqui aprendemos, foi este Deus que inspirou Davi escrever as palavras do segundo salmo. Foi ele quem fez a pergunta por seu servo Davi: Por que motivo as nações se empenham em levantes tumultuosos, e o povo cogita coisas que são vãs e néscias? A vaidade e a insolência de todas as pessoas por natureza é só igualada pela vaidade, e o vazio de suas aspirações. No fato atual havia suficiente evidência da verdade da profecia. Os reis da terra e os governantes se haviam juntado contra o Senhor e contra seu Cristo. Não interessou se, em outras coisas, eram inimigos ferrenhos uns contra os outros. Esqueceram todas as suas diferenças quando ação combinada era planejada contra a Palavra e obra de Deus e de Cristo. Como as evidências diante de seus olhos mostravam com clareza, era certo, que nesta cidade eles se estavam coligando contra o santo Filho de Deus, seu Filho Jesus: eram Herodes e Pôncio Pilatos, os gentios e as pessoas de Israel – todos unidos contra o Ungido de Deus. Com certeza, unicamente seriam capazes de realizar e ter sucesso naquilo que seria feito segundo a mão e o conselho do Senhor de antemão previram e souberam. Deus ainda estava controlando os destinos das nações e dos próprios indivíduos. Esta foi a situação. A inimizade era real; ela era dirigida contra o Senhor e seu Cristo; os cristãos couberam que nada ocorreria sem a presciência e a permissão de Deus. Notamos que não há qualquer indicação dum espírito vingativo e ressentido na oração, mas tão somente uma total confiança no Senhor.

A conclusão da oração e sua resposta; *V. 29) Agora, Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra, 30) enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios, por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus. 31) Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez, anunciaram a palavra de Deus.* Agora a congregação chegou à sua petição especial. As ameaças dos inimigos estavam dirigidas contra o seu pequeno rebanho; a tempestade parecia cair sobre eles. O Senhor devia ficar sabendo deste

fato, não com o objetivo de subjugar ou desviar a provação da fé, caso sua sabedoria julgasse que fosse melhor que as tentações ocorressem, mas que lhes dessem, a eles que eram seus servos, a necessária força de falar e proclamar sua palavra com toda intrepidez, e sem medo ou concessão. Que ele, visando este fim, suportasse a proclamação de sua verdade estendendo seu onipotente braço e confirmando-o com milagres de cura, e a presença de sinais e maravilhas, feitos por meio do nome de do poder de seu santo Filho, seu Filho Jesus. Exatamente no nome deste Homem a quem os judeus rejeitaram e crucificaram devia ser magnificado entre eles por meio destas manifestações do seu poder. Estes foram os dois dons que a congregação e todos os seus membros precisavam neste momento: primeiro, o poder a disposição de proclamar a Palavra com coragem e alegria, e , segundo, a capacidade de socorrer e de curar, como uma prova de que o Deus onipotente e o poder do Cristo exaltado estavam com eles. Enquanto ainda estiveram envolvidos nesta oração, o Senhor já deu provas de que os ouvira. Pois o lugar onde estavam reunidos tremeu, foi agitado, o que significou a presença divina. Além disso, todos eles foram encheidos com o Espírito Santo; houve uma demonstração especial do seu poder, capacitando-os a falar e proclamar a Palavra com toda intrepidez e poder. Daqui para frente esta foi um proceder constante dos discípulos; sem o poder divino neles não pode ser explicado o crescimento da igreja frente a tanta oposição. Notemos: A igreja do Senhor, em meio da fúria e das ameaças de seus inimigos, sempre buscou e achou refúgio com o Deus onipotente. Pois Deus sempre ouve o clamor de atormentados filhos, e lhes concede poder e ousadia para proclamar o evangelho no meio de seus inimigos.

A união e a caridade da igreja: *V. 32) Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. 33) Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. 34) Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casa, vendendo-as, traziam os valores correspondentes, 35) e depositavam aos pés dos apóstolos; então se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade. 36) José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Barnabé, que quer dizer filho de exortação, levita, natural de Chipre, 37) como tivesse um campo, vendendo-o, trouxe o preço e o depositou aos pés dos apóstolos.* Agora já havia uma multidão de cristãos, uma congregação de uns cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças. Lucas de todos eles registra o mais alto louvor que pode ser concedido a uma congregação cristã. Eram cristãos, visto que do íntimo aderiram à doutrina dos apóstolos, isto é, ao ensino de Cristo. Por causa desta fé eram um coração e uma alma; havia perfeita harmonia tanto no afeto como no pensamento; havia verdadeira unidade de espírito. Pode parecer extraordinário que pessoas dum tal variedade de relacionamentos e condições sociais podiam ser tão intimamente concordes e tão completamente harmônicos, mas este é o poder da fé em Jesus. E havia para ser observada uma outra manifestação da fé no e para seu Senhor, a saber, um altruísmo que os dispôs a tomar cuidado das necessidades de seu próximo, com o mesmo amor e cuidado que tinham sobre si mesmos. Os bens e cada membro estavam a disposição dos outros membros, assim como necessitavam de assistência. Ninguém reclamava o direito de posse absoluta. Isto não foi a expressão de teorias fantásticas e de ilusão socialista ou dum comunismo absoluto, mas uma manifestação espontânea de amor cristão. Este espírito foi conservado vivo e forte pelo fato que os apóstolos com grande poder testemunhavam da ressurreição de Jesus Cristo. Foi o espírito, o amor do Cristo vivo que vivia nos discípulos, que os incitava e dispunha para que dessem essa prova de amor verdadeiro e desinteressado. Foi a consequência de sua aceitação pela fé do Senhor ressuscitado, que sobre todos eles trouxe grande graça, favor com Deus na percepção de sua misericórdia, e favor com as pessoas por causa do inaudito altruísmo e pura caridade que por eles era praticada. Lucas repete que não era preciso para qualquer um deles estar em carência ou de sofrer, porque os membros mais ricos, aqueles que possuíam terras e casas, de modo livre e sem qualquer insistência as vendiam e traziam o auferido da venda aos apóstolos, para que fosse feita a distribuição a todos quantos estivessem em necessidade. Naquele tempo a congregação voluntariamente confiou aos mestres o direito para cuidar da desses dinheiros e para supervisionar sua correta distribuição. Está registrado um exemplo dentre os discípulos ricos, como especialmente digno de nota. Este foi o caso dum certo José, que os apóstolos haviam apelidado Barnabé (filho de consolação). Era judeu e antes de sua conversão fora um levita. Ele viera da ilha de Chipre, onde era dono dum

campo. Originalmente não era permitido aos levitas terem terras como posse, Nm. 18. 20; Dt. 10. 9, mas desde o exílio babilônico não foram mais observadas tão rigidamente a distribuição de terras e a manutenção dos levitas, conforme a lei mosaica, Nm. 13. 10-14. Além disso, podiam eles possuir terra por meio da compra ou de herança, Jr. 32. 7-12. Barnabé, cheio de amor a seus irmãos necessitados, vendeu sua terra e trouxe o dinheiro aos apóstolos, bem assim como o fazia a maioria dos congregados cristãos. Notemos: A inimizade do mundo não redundava em detrimento da igreja. É em meio da cruz e da tribulação, de aflição e dificuldades, que a igreja é estabelecida, e que a fé e o amor se fortalecem. Quando o mundo começa a rugir e a ameaçar, então os verdadeiros cristãos se agarram tanto mais firmemente na palavra, e esta palavra mostre seu poder, unindo seus corações sempre mais firmemente uns aos outros.

Resumo: Pedro e João, combinados entre si perante o sinédrio, defendem a si e sua causa a ponto de confundirem seus juizes; relatam o assunto à congregação, que em oração entrega a ameaçadora inimizade diante de Deus, e de modo ainda mais sadio é confirmada na fé e no amor.

Capítulo 5

Ananias E Safira. At. 5. 1-11.

O pecado e a morte de Ananias: *V. 1) Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, 2) mas, de acordo com sua mulher, reteve parte do preço, e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos. 3) Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? 4) Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus. 5) Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevindo grande temor a todos os ouvintes. 6) Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram.* Lucas acabara de narrar um exemplo de verdadeiro e caridoso altruísmo ocorrido na conduta de Barnabé de Chipre. Infelizmente, contudo, a apreciação e o louvor que se dá a pessoas que mostraram verdadeira benevolência, leva muitas vezes hipócritas a fazer uma simulação e ostentação de grande amor, para que também se lhes diga palavras que soam agradáveis aos seus comichentos ouvidos. No paraíso da primeira igreja entrou a serpente do egoísmo e da corrupção. Lucas não apresenta qualquer ponderação nem encobre com moral, mas se atém à sua prática de simplesmente narrar os fatos da história. Havia certo homem, um membro da congregação de Jerusalém, de nome Ananias (“a quem o Javé tem sido gracioso”). O nome de sua mulher, a qual também pertencia aos que professavam o cristianismo, foi Safira (“a bela”). A estes dois pertencia uma posse, alguma propriedade, muito provavelmente um pedaço próspero de bens de raiz de bom valor. Pois bem, Ananias e bem assim sua mulher estiveram desejosos para serem considerados benfeitores de seus irmãos mais pobres, e por isso, provavelmente com algum alarde, venderam sua propriedade. Mas o interesse dos dois foi só uma simulação, e de modo nenhum se preocupavam com a aquiescência de Deus. Separaram, apropriaram-se para o seu próprio benefício, uma certa parte do produto de sua venda. É afirmado expressamente que Safira esteve plenamente ciente deste arranjo, que tudo foi feito com o total conhecimento e consentimento dela; era tão culpada como seu esposo. “Se tentarmos analisar o motivo do casal culpado, descobriremos que o seu ato foi um compromisso entre dois desejos impuros. O desejo de ter o louvor das pessoas, como foi concedido a Barnabé e outros mais, estimulou a venda e o dom, enquanto o amor do dinheiro, que ainda os prendia fortemente, estimulou a retenção duma parte, enquanto pretendiam dar o total.”¹⁵⁾ Tendo eles decidido plenamente o curso, Ananias pegou a soma do dinheiro que haviam decidido necessário para proclamar sua fama como ministradores de caridade, trouxe-a para a sala de reunião dos apóstolos e da congregação, e a depositou no lugar costumeiro. O ato que o casal culposo estava cometendo não foi simplesmente um pecado seu como indivíduos, mas colocou a igreja inteira em grande perigo. Pois se outros soubessem deste

¹⁵⁾ McGarvey, *New Commentary of Acts*, 82. 83.

subterfúgio, poderiam atrever-se a praticar a mesma hipocrisia. Mas, se a integridade e a verdade desaparecessem da congregação, a igreja de Cristo perderia seus ornamentos mais luminosos, e uma hipocrisia farisaica substituiria a santidade cristã. “Por isso, foi de importância vital para a igreja que a introdução dum mal de tal magnitude se depararia com uma resistência imediata e eficiente.” De modo muito apropriado, Pedro fez a Ananias a incisiva pergunta: Como acontece que Satanás encheu teu coração para mentires ao Espírito Santo? Tal como o diabo é o autor de cada pecado e transgressão, assim também aqui ele deu ao coração de Ananias a idéia da perversidade e do engano. Pois pretendendo um benefício que jamais sentira, o homem mentira, não tanto aos homens, a Pedro, aos apóstolos e à congregação, mas ao Espírito Santo, que falava e agia através dos apóstolos, que habitavam e se moviam na congregação cristã. Ele tentara ao Espírito de Deus, que prova corações e mentes, que, como o verdadeiro Deus, conhece os pensamentos mais íntimos do coração de cada homem. E Pedro, muito acertadamente, lembrou Ananias que a propriedade era sua para que a preservasse, caso assim o quisesse; não havia na congregação alguma espécie de comunismo obrigatório. E, se tivesse optado vender sua propriedade e conservar todo o dinheiro, também isso estava em seu poder. Também teria estado estritamente seu problema se tivesse dito com franqueza que trazia somente uma parte do produto, porque ele mesmo queria usar o resto. Mas seu coração se tornara obstinado em conseguir crédito por caridade e benevolência que não possuía. “O ato de vender sua propriedade com o ostensivo propósito de trazê-la no depósito comum não lhes deixava qualquer controle ou posse adicional sobre a propriedade; e sua alegação que o dinheiro que trouxeram era o total do produto da venda foi em si mesma uma mentira inequívoca, e uma tentativa de enganar o Espírito Santo, sob cuja influência pretendiam agir. Nisto se constituiu a iniquidade de seu pecado.”¹⁶⁾ Notemos: O fato que Satanás enchera o coração de Ananias, e o fato que ele concebera esta coisa em seu próprio coração, são colocados no mesmo nível. O fato que Ananias atendera a persuasão e tentação do diabo, lançou sobre ele a responsabilidade, a culpa. O mesmo é verdade de cada pecador em cada pecado que comete, em especial se é feito com a mesma intenção deliberada como neste caso. Marquemos também: Ananias, quando mentiu ao Espírito Santo, mentira ao próprio Deus, pois o Espírito Santo é verdadeiro Deus com o Pai e com o Filho. Como qualquer um que é culpado desses pecados, cedo ou tarde e para sua própria tristeza, descobrirá, engano e hipocrisia de toda e qualquer forma estão patentes diante de sua onisciência. O pecado de Ananias recebeu imediatamente seu castigo, e uma punição que tem o objetivo de ser uma advertência para todos os tempos. Pois, logo que Pedro findara sua severa repreensão, logo que o homem culpado ouvira estas palavras, ele tombou ao chão e expirou sua alma; morreu imediatamente, atingido que fora pela ira do Espírito Santo. Desta forma a execução foi, sem dúvida, um ato de Deus para que grande temor caísse sobre todos quantos viram a penalidade e ouviram as palavras que a acompanharam. Quando Deus falar, então o coração do homem corrupto se enche de espanto. E os jovens da congregação, não alguma classe ou corpo separado, mas os membros mais jovens da platéia, se ergueram de seus lugares. Não houve tempo nem para alguma lamentação ou para uma detalhada cerimônia fúnebre, caso o povo presente tivesse tido este desejo; não houve choro nem delonga. Os jovens, envolvendo o homem morto em sua própria capa, carregaram-no para fora e o sepultaram. Tal é o fim daqueles que abusam da graça do Senhor. Não vos enganeis, de Deus não se zomba.

A morte de Safira: *V. 7) Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera. 8) Então Pedro, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: Dize-me, vendestes por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto. 9) Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão. 10) No mesmo instante caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entrando os jovens, acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido. 11) E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos.* Se, por ordem de Pedro, a informação sobre a morte de seu esposo fora ocultada de Safira, ou se o espanto do incidente que haviam testemunhado deteve os membros da difusão da história, não tem maior importância. Depois dum intervalo de cerca de três horas, Safira, que pode ter vindo preocupada pela longa ausência de Ananias, veio ao lugar de

¹⁶⁾ Clarke, *Commentary*, 5. 715.

reuniões da congregação. Ela esteve plenamente preparada para guardar o acordo que fizera com seu esposo sobre o dinheiro, não sabendo que, horas antes, o destino dele fora selado. Por isso, quando Pedro lhe fez a pergunta se haviam vendido sua propriedade por exatamente aquela soma que ainda estava deitada ali, ela, sem hesitar, replicou: Sim, por exatamente tanto. A pergunta de Pedro fora um último apelo à consciência dela, uma última admoestação para que contasse a verdade e desse toda glória a Deus. Ela, porém, desprezou a admoestação, perseverou em seu pecado, e apoiou a mentira vil de seu esposo. Foi uma persistência voluntária em pecado, em hipocrisia. Notemos a intensidade dramática da narrativa. Pedro, agora, em nome de Deus, como um profeta do Senhor, pronunciou a sentença sobre ela. Por qual razão, para que fim, concordastes entre vós para tentar o Espírito de Deus, para ver se fosse possível enganar a ele bem como à sua igreja? Os pés daqueles que levaram teu esposo estão junto à porta, e hão de levar a ti. E logo que Pedro proferira o juízo do Senhor, Safira tombou ao chão, exatamente como acontecera com seu esposo antes dela, e também deu seu último suspiro. Entrando os jovens, encontraram-na morta, e a sepultaram ao lado de seu esposo, para estar com ele na morte como estivera na vida. Esta foi uma sentença terrível, mas justa, que o Senhor aqui executou no meio da primeira congregação. Deus, com este ato, declarou para sua igreja em todos os tempos, que os hipócritas são aos seus olhos uma abominação. Em nossos dias acontece raramente que o Senhor torna conhecido seu poder vingativo na mesma maneira, como aqui, mas em nossos dias sua mão não se encurtou quando sua honra está em jogo. Notemos: Há uma repetição do pecado de Ananias e Safira na vida moderna da igreja, também em relação com a tesouraria do Senhor, a saber, quando membros da congregação fazem afirmações exageradas sobre as quantias que dão ou reduzem sua renda, para conseguir que suas contribuições ao reino se destaque sobre a de outros. O efeito desta história, ao contrário, devia ser, como aconteceu naqueles dias, que sobrevenha um grande temor ao povo, tanto sobre os que são membros da igreja como sobre aqueles de fora, mas que ouvem desta manifestação do poder de Deus. O mesmo Deus que julgou a Ananias e Safira, a seu modo e em seu tempo determinado, não falhará para visitar os pecados daqueles que seguem o exemplo destes dois hipócritas.

O Progresso Da Igreja. At. 5. 12-16.

V. 12) Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo, pelas mãos dos apóstolos. E costumavam todos reunir-se, de comum acordo, no pórtico de Salomão. 13) Mas, dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles; porém o povo lhes tributava grande admiração. 14) E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto de homens como mulheres, agregados ao Senhor, 15) a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles. 16) Afluía também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, levando doentes e atormentados de espíritos imundos, os quais eram todos curados. A atividade dos apóstolos, e da congregação com eles, se manifestou em duas maneiras, pela pregação da Palavra e pela realização de milagres. O prestígio dos apóstolos foi naturalmente muito aumentado pelo fato evidente de que o Senhor estava com eles naquilo que faziam. Por isso a congregação, ao menos por algum tempo, não foi perturbada em suas assembléias públicas que eram realizadas no lindo pórtico no lado leste do templo, conhecido como Pórtico de Salomão. O objetivo principal nestas reuniões públicas foi dar testemunho do evangelho, a fim de conseguir novos adeptos para o Senhor. Reinava grande unanimidade tanto na participação como na testificação nestas assembléias regulares. Incidentalmente, agora a autoridade dos era tão grande que ninguém se aventurava a um intercurso familiar com eles. Todas as pessoas que, de algum modo, entraram em contacto com a congregação, conservavam uma respeitável distância dos homens em que habitava o Espírito de Deus com tais manifestações de poder; todos eles muitíssimo os estimavam. A veneração que tinham de Deus foi, de certo modo, transferida a seus servos e instrumentos e a toda a congregação. O natural resultado foi que cristãos foram adicionados ao Senhor, juntados às fileiras daqueles que lançam sua confiança em Jesus como seu Salvador, uma multidão tanto de homens como de mulheres; havia um crescimento constante em membros. Notemos a referência a discípulos mulheres, o que é uma característica dos escritos de Lucas; cf. Lc. 8. 2, 3. Foi Deus quem desenvolveu a fé nos corações de todos

eles, e quem assim os somou à congregação. A atividade dos apóstolos pela pregação foi suplementada pela atividade deles realizando milagres, conforme a medida do poder que lhes foi concedido naqueles dias em favor da maior glória de Deus. Muitos sinais e milagres eram realizados pelas mãos deles, sendo atos contrários ao curso da natureza, que incidentalmente expressaram e enfatizaram o poder de Deus. Neste sentido a fama dos apóstolos se tornou tão grande, que o povo até carregou suas pessoas doentes para as ruas, de ambos os lados ao longo do caminho, colocando-os em camas e macas, em estrados e liteiras. Acreditavam que os doentes seriam curados, se, ao menos, a sombra de Pedro, ao passar, caísse sobre eles. As pessoas foram tão ansiosas que os apóstolos, que geralmente falavam aos doentes, oravam e usavam a imposição de mãos, não tinham condições de alcançar a todos os que lhes foram trazidos, de modo tão ligeiro como seus amigos o desejavam. E o número não se limitou aos habitantes de Jerusalém, mas dos povoados próximos veio uma multidão de pessoas, trazendo tanto os que estavam aflitos por doenças ordinárias, como os que eram incomodados por espíritos imundos; e todos foram curados, não importando se sua doença fosse uma ou outra. Deus concedeu uma demonstração tão grande do seu poder e da sua glória no trabalho dos discípulos, como nunca acontecera antes na história do mundo, visto que seu objetivo foi o sólido estabelecimento de sua igreja. Notemos: Quando numa congregação cristã ocorrem transgressões, isso pode prejudicar o bom nome e impedir o crescimento da igreja. Aqui, porém, a punição repentina do Senhor e o comportamento dos discípulos no sepultamento dos culpados sem qualquer lamentação e cerimônia fúnebre se juntaram para produzir o efeito oposto. Quando os cristãos, deste modo e em todas as ocasiões, checam as ofensas e excluem de seu meio aqueles cujas transgressões públicas estão causando ofensa, então a congregação não será danificada. O julgamento da congregação dos pecadores incorrigíveis e manifestos efetua uma boa impressão sobre aqueles que estão de fora, e pode ter o efeito de influenciar a algum deles em favor da igreja e da palavra do Senhor.

A Prisão, O Livramento E A Defesa Dos Apóstolos. At. 5. 17-42.

Captura e livramento: *V. 17) Levantando-se, porém, o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele, isto é, a seita dos saduceus, tomaram-se de inveja, 18) prenderam os apóstolos e os recolheram à prisão pública. 19) Mas de noite um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, lhes disse: 20) Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta Vida. 21^a) Tendo ouvido isto, logo ao romper do dia, entraram no templo e ensinavam.* Uma tempestade fora superada com segurança, cap. 4, mas se aproximava uma segunda que seria bem mais séria do que a anterior. O crescimento constante da congregação e entusiástico louvor que de todos os lados era dado aos apóstolos foi demais aos governantes judeus, em especial aos saduceus que negavam a ressurreição. Era-lhes uma abominação que toda a pregação do evangelho estava baseado na ressurreição milagrosa de Jesus dentre os mortos. Por isso seu partido, liderado pelo sumo sacerdote, que certamente também pertencia a esta escola ou partido, fizeram outro assalto formal sobre o pórtico de Salomão. Não só os dominava indignação porque os discípulos se atreveram em continuar sua pregação em o nome de Jesus, mas pelo fato que os apóstolos progredindo no favor popular, literalmente, estavam dominados de inveja raivosa, visto que o povo lhes tinha grande admiração e reverência. Por isso estes chefes deitaram mãos raivosas e violentas nos apóstolos e os lançaram na prisão pública, com a idéia de difamar e humilhá-los publicamente. Mas seu triunfo durou pouco. Pois um anjo do Senhor, provavelmente um dos mais poderosos, como foi Gabriel, durante aquela mesma noite, não só abriu as portas do templo (obs. Tradutor: prisão), mas guiou-os para fora e lhe deu a ordem de irem ao templo, de se colocarem ante o povo, e de falarem todas as palavras desta vida, de pregarem o evangelho da eterna salvação. Os apóstolos, longe de se sentirem desencorajados pelo trato recebido, deviam proclamar de modo intrépido a mensagem que lhes fora confiada, mas também no lugar mais público de toda Jerusalém. Aquele que é a ressurreição e a vida queria que a palavra da vida estendesse sua influência, não só em Jerusalém, mas por toda a Judéia e até aos confins do mundo. Por isso, ao redor do romper do dia, exatamente quando as portas do templo foram abertas para que fossem trazidos os sacrifícios matutinos, os apóstolos foram ao templo e retomaram seus ensinamentos. Quanto mais a palavra de Deus expande seu poder, tanto mais é inflamada a ira do mundo e do príncipe

deste mundo. Muitos dos discípulos de Cristo já foram lançados em prisão por causa do nome em que creram e que confessaram. O Senhor, contudo, esteve com eles e, segundo sua promessa, os socorreu. Os verdadeiros confessores da igreja jamais, na história da igreja, permitiram que fossem desencorajados, fosse isso por perseguição ou por prisão, de pregarem a palavra de Deus que lhes foi confiada.

Os saduceus recebem uma surpresa: *V. 21b) Chegando, porém, o sumo sacerdote e os que com ele estavam, convocaram o sinédrio e todo o senado dos filhos de Israel, e mandaram buscá-los no cárcere. 22) Mas os guardas, indo, não os acharam no cárcere; e, tendo voltado, relataram,*²³⁾ *dizendo: Achamos o cárcere fechado com toda a segurança e as sentinelas nos seus postos junto às portas; mas, abrindo-as, a ninguém encontramos dentro. 24) Quando o capitão do templo e os principais sacerdotes ouviram estas informações, ficaram perplexos a respeito deles e do que viria a ser isto. 25) Nesse ínterim, alguém chegou e lhes comunicou: Eis que os homens que recolhestes no cárcere, estão no templo, ensinando o povo.* Na manhã seguinte o sumo sacerdote esteve cedo em ação. Ele e seus homens de confiança, tendo chegado ao lugar onde o sinédrio se reunia, convocaram uma reunião, não só de todo o sinédrio, que era a cõrte eclesiástica suprema dos judeus, mas também os anciãos dos filhos de Israel, os antigos e experimentados mestres da nação que não eram membros do conselho.¹⁷⁾ Mas, quando, depois de toda introdução formal e impressionante, agora enviaram servos até a prisão para buscar os presos, não havia indício destes últimos. Os servos voltaram com a informação que encontraram a prisão chaveada e segura segundo o modo indicado, que os guardas estavam ocupando seus lugares costumeiros, mas quando abriram as portas, não havia preso algum. O anjo do Senhor, por isso não só ferira com cegueira temporal aos guardas da prisão, mas também voltara a chavear as portas para apagar qualquer evidência do milagroso livramento dos apóstolos. A notícia produziu muita consternação no sinédrio. Perturbou não só os membros do próprio conselho, mas também o “homem do monte do templo”, o chefe da polícia do templo. Era claro que aqui interviera a mão de Deus, como em sua perplexidade eles mesmos indiretamente admitiram, não sabendo em que isto se desenvolveria, onde, segundo o presente ritmo de progresso das coisas, tudo acabaria. Enquanto isso veio um homem e anunciou-lhes que os homens que haviam lançado em prisão estavam no templo, empenhados, pública e ousadamente, no ensino do povo. Bem assim, não poucos inimigos do Senhor e de sua palavra já ficaram desconcertados com a maneira em que o Senhor protege os que são seus, e cuida dos seus interesses. É um plano bom e seguro, colocar nele toda confiança.

A citação dos apóstolos: *V. 26) Nisto, indo o capitão e os guardas, os trouxeram sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo. 27) Trouxeram-nos, apresentando-os ao sinédrio. E o sumo sacerdote interrogou-os, 28) dizendo: Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome, contudo enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem.* O chefe da polícia do templo agiu segundo a informação que o sinédrio recebera. Deixando a sala do conselho, provavelmente o Salão das Pedras Polidas, com os auxiliares foi em busca dos apóstolos. Mas, em vez de fazê-lo parecer um aprisionamento, o chefe foi muito cuidadoso em escotar como muito cuidado e civilidade aos apóstolos. Nem mesmo por um instante fez uso de força, pois todo o grupo tinha um salutar respeito e temor do temperamento do povo, para que não fossem apedrejados. O caso não foi só que os apóstolos eram muito estimados pelo povo, mas, naquele momento, sem dúvida já se tornara conhecido a maneira em que haviam sido libertos da prisão. Eles, sem dúvida, temiam a multidão do povo, sendo que os membros da congregação dificilmente se teriam tornado culpados de algum ato de violência. Os apóstolos, por sua vez, acompanharam aos oficiais, sem qualquer medo ou temor, mas simplesmente confiando no Senhor. Os servos, desta forma, os trouxeram à presença dos juízes, sentados no costumeiro semicírculo, enquanto os acusados estiveram de pé à sua frente. O sumo sacerdote agora lhes fez a pergunta, não sem alguma exasperação, se o conselho não lhes recomendara e insistira, de modo sério e enfático, que não ensinassem neste nome. Notemos que os inimigos de Cristo nem mesmo mencionam o odiado nome. Acusa-os de desobediência ao sinédrio e se queixa que encheram toda Jerusalém com sua doutrina. O sumo sacerdote precisou admitir, que o sucesso do novo ensino foi

¹⁷⁾ Alguns comentaristas acreditam que a expressão dobrada usada por Lucas se refere tão só ao sinédrio, e indica a importância da ocasião. Cf. Moulton e Milligan, *Vocabulary*, e Grimm-Thayer, *sub voce*

maravilhoso. Mas sua acusação principal é que eles estão tentando colocar o sangue de Jesus sobre a nação judaica e seus chefes. Parece que aqui há uma referência à terrível maldição que os chefes dos judeus haviam proferido no dia da morte do Senhor, quando exclamaram: Seu sangue venha sobre nós e sobre nossos filhos! Mt. 27. 25. Estabelecida a ressurreição de Jesus e, assim, sua eterna condição de Filho de Deus, a consequência natural seria que aqueles que o condenaram foram assassinos, tendo derramado sangue inocente. Por isso, eles, ou precisam permitir que o povo faça esta acusação, ou precisam suprimir, com implacável violência, todo e qualquer testemunho sobre a ressurreição. Se o povo comum for provocado contra os assassinos do inocente Jesus, existem as chances que estes últimos pagariam em breve pelo seu crime, pagando sangue com sangue e vida com vida. Por isso, em vez de abandonarem o caminho da hipocrisia e do crime, os chefes judeus decidiram escolher a perversa alternativa, enterrando-se ainda mais fundo. Notemos: Quando a uma pessoa foram concedidas as provas de ter sido culpada e ela persiste em seu curso, torce o nariz de sua consciência, e junta mais crimes à lista já lançada contra ela, então ela está endurecendo seu coração e se coloca fora do alcance de misericórdia.

A defesa de Pedro: *V. 29) Então Pedro e os demais apóstolos afirmaram: Antes importa obedecer a Deus do que aos homens. 30) O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro. 31) Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados. 32) Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem.* Enquanto Pedro foi o interlocutor principal nesta ocasião, os outros apóstolos prestaram boas contas de si mesmos, sendo que ele só expressou a convicção dos corações deles. Foram exatamente as primeiras palavras na defesa dos apóstolos que estabeleceu um grande princípio na igreja cristã: A obrigação que se nos impõe é obedecer a Deus e não aos homens. Caso os governantes quisessem imputar-lhes desobediência, então a imputação foi real, e com disposição os apóstolos se consideraram culpados, tal como antecipadamente haviam dito aos chefes judeus que não poderiam nem iriam obedecer, cap. 4. 19, 20. Onde entram em jogo as coisas do reino de Deus, a pregação do evangelho, lá nenhuma proibição, ameaça, deboche ou insulto teria qualquer valor. Nestes assuntos o governo tem nenhuma jurisdição. Em qualquer assunto em que há uma afirmação clara das Escrituras, os cristãos se prendem firmemente à verdade e na proteção do Senhor, mesmo que o mundo inteiro os condene. E no que dizia respeito a segunda parte da acusação do sumo sacerdote, de que a pregação continuada do Cristo ressuscitado pudesse causar insurreição e tumulto, os apóstolos repetem com intrepidez que vão testemunhar assim como o fizeram anteriormente. Não foi um Deus novo e estranho que proclamavam, mas o Deus de seus pais, o Deus de Israel, que havia ressuscitado Jesus dentre os mortos, aquele mesmo Jesus sobre o qual os governantes haviam deitado mãos impuras quando o mataram pendurando-o no madeiro da cruz. Este testificar de Deus a respeito da pessoa e da obra de Jesus não só mostrou que foi sangue inocente que eles haviam derramado, mas também recebeu adicional confirmação pelo fato que Deus o exaltou à sua mão direita no céu, ao uso pleno e contínuo de sua divina majestade e glória. O Senhor, desta maneira, tornou ao Jesus desprezado como Guia ou Príncipe e como um Salvador. Naquele momento Jesus estava exercendo o poder de seu ofício e as incumbências de seu ministério no esforço de conceder arrependimento a Israel e o perdão de pecados. É sua vontade sincera, boa e graciosa conseguir que as pessoas se voltem de seus caminhos perversos e da obstinação de seus corações e em aceitar o perdão de pecados que foi obtido e que está à disposição de todas as pessoas. Tanto o arrependimento como o perdão de pecados são dons gratiosos da misericórdia da parte do Cristo exaltado.¹⁸⁾ Os apóstolos são testemunhas de todas estas coisas, da morte, da ressurreição e da ascensão de Cristo. Este testemunho, além disso, é corroborado e confirmado pelo Espírito Santo, que testifica nos e com os apóstolos, que torna efetivo o testemunho deles. Deus lhes deu este Espírito, a eles que possuem a obediência da fé. Os apóstolos, no dia de pentecostes, receberam uma demonstração extraordinária de seu poder, mas, como o ensinaram os apóstolos, o mesmo Espírito sempre é dado pela Palavra, pela aceitação dos grandes fatos de nossa salvação. É este Espírito que testifica pela boca dos cristãos quando estes, de modo intrépido, relatam de sua fé. Este pequeno discurso de defesa,

¹⁸⁾ *Formula Concordiae*. De libero Arbitrio, Mueller, 594, 595.

feito aqui pelos apóstolos, foi ele mesmo um dom do Espírito Santo e um cumprimento fiel da promessa do Senhor, Mt. 11. 19.

O conselho de Gamaliel: *V. 33) Eles, porém, ouvindo, se enfureceram e queriam matá-los. 34) Mas, levantando-se no sinédrio um fariseu, chamado Gamaliel, mestre da lei, acatado por todo o povo, mandou retirar os homens, por um pouco, 35) e lhes disse: Israelitas, atentai bem no que ides fazer a estes homens. 36) Porque antes destes dias se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa, ao qual se agregaram cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada. 37) Depois desse, levantou-se Judas, o Galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; mas este pereceu, e todos quantos lhe obedeceram foram dispersos.* A fala de Pedro, em que ele e também os outros apóstolos se defenderam contra os ataques dos líderes judeus, se caracterizou pela candura e o destemor que sempre deviam marcar a proclamação da verdade. Mas os membros do sinédrio, em vez de acatarem a verdade e permitirem que neles fosse operado arrependimento para o perdão de pecados, literalmente, estavam de coração estraçalhado, estavam cheios da mais violenta indignação. Por isso um só pensamento e um só objetivo encheram as mentes da maioria deles, a saber, livrar-se dos discípulos assim como o haviam feito com o Mestre, ou seja, matar os apóstolos. Mas, nesta crise, prevaleceu o conselho mais calmo de um dos membros. Pois um fariseu, de nome Gamaliel, se ergueu de seu lugar no conselho, um mestre douto da lei, muito respeitado e estimado por todo o povo, cuja palavra, por isso, tinha considerável influência, o qual ordenou, antes de tudo, que os homens acusados fossem, por um pouco de tempo, mandados para fora, visto que falar de modo confidencial. Dominando a audiência até que isso ocorresse, Gamaliel, a seguir, se dirigiu ao sinédrio, dando-lhes o cognome honroso de “homens de Jerusalém”. Alertou seus companheiros de conselho a exercerem todo o cuidado com respeito a estes homens, e a avaliar cada ato com grande deliberação antes de colocá-lo em efeito. Ele comprova suas advertências com uma referência a fatos históricos, em especial sobre sedições e insurreições ocorridas em sua terra. Não muito tempo antes disso, aparecera um certo Teudas, não o mesmo que Josefo mencionou e que encontrou seu fim em 44 A.D., mas outro homem com o mesmo nome, provavelmente o pai ou algum conhecido deste último Teudas. Este homem se proclamara como sendo alguém, como sendo um grande homem, e desta forma conseguiu uma adesão de uns quatrocentos homens, assim como qualquer demagogo consegue alguns adeptos. Mas este homem rapidamente fora morto, seus seguidores dispersos aos quatro ventos, e o movimento todo falhou redondamente e não deu em nada. Depois disso, nos dias do grande censo, que Lucas, deste modo, destaca (6-8 A.D),¹⁹⁾ surgiu outro rebelde, Judas da Galiléia, assim chamado conforme a cena de sua façanha principal, ou Judas de Gaulanites, segundo o lugar de seu nascimento. Visto que este censo imenso, ocorrido sob a segunda administração de Quirino, não só envolveu a contagem e avaliação da propriedade, mas também a imposição duma taxa, não é de surpreender que Judas, facilmente, separasse algumas pessoas e rapidamente conseguisse adesão. Mas o seu fado foi o mesmo de Teudas. Também ele pereceu, logo encontrou seu fim, e todos quantos lhe foram de algum modo fiéis e nele confiaram foram dispersos pelas autoridades. Gamaliel poderia ter multiplicado o número de exemplos, porque, como relata Josefo, havia, quase que continuamente, revoltas e tentativas de insurreição menores em alguma parte da Palestina, mas ele dissera o suficiente para dizer o que queria dizer.

A sugestão de Gamaliel e o que disso resultou: *V. 38) Agora vos digo: Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; 39) mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus. E concordaram com ele. 40) Chamando os apóstolos, açoitaram-nos e, ordenando-lhes que não falassem em o nome de Jesus, os soltaram. 41) E eles se retiraram do Sinédrio, regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. 42) E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar, e de pregar Jesus, o Cristo.* Do relato bíblico não pode ser decidido, se Gamaliel secretamente favoreceu a causa de Cristo, mas por várias razões não aderiu à congregação, ou se expressou sua opinião, movido por um senso natural de oportunismo e justiça. Mas seu objetivo é juntar os exemplos a que se refere, sendo este o ponto que deseja indicar, que o movimento que o sinédrio estava

¹⁹⁾ Ramsay, *The Bearing of Recent Discoveries*, 238.

combatendo não deve ser suprimido com violência; na realidade, havia certa dúvida sobre se era sábio opôr-se a ele. Sua proposição, como ele próprio a coloca de modo claro e enfático, foi que deviam afastar-se destes homens, que eram os apóstolos, e deixá-los em paz. Gamaliel, aqui, junta um dito proverbial ou um axioma que até nossos dias não perdeu sua força: Se este conselho ou esta obra provém de homens, então será completamente destruído; mas, se for de Deus, então vós não o podeis destruir. “Se for do homem, está fadado a morrer; se for de Deus, não morrerá”. Esta máxima, se entendida corretamente, tem sua aplicação em todos os tempos. Na verdade é fato que muitas congregações cristãs e igrejas nacionais, que foram plantadas por Deus, como aconteceu com a igreja da Ásia Menor, foi destruída, e que, doutro lado, muita fortaleza de Satanás, como por exemplo o reino do Anticristo, continua até os nossos dias. Mas condições e circunstâncias como estas são por causa da dureza do coração do homem, e o fato que Deus permite que existam é seu castigo sobre um povo obstinado que não quer aceitar a verdade. O conselho de Gamaliel foi aceito por todos os juizes como certo e bom, e eles o aprovaram. Depois disso os apóstolos foram trazidos de volta à sala do conselho, com o fim de, antes de tudo, receberem um açoitamento por terem transgredido a ordem anterior do conselho. Cf. Dt. 25. 1-3; 2.Co. 11. 24; 12. 10. Antes de serem soltos, mais uma vez foram severamente exortados a não falar em o nome de Jesus. Notemos: Aqueles que se recusam em aceitar o evangelho para a salvação de suas almas, com cada proclamação da misericórdia de Deus são tão somente mais e mais exacerbados e endurecidos; visto que a Palavra do evangelho se lhes torna um cheiro de morte para a morte. Os apóstolos, contudo, em vez de se intimidarem com este tratamento tão ríspido dado pelos juizes, foram encorajados a dar grandiosa demonstração de fé e confiança. Tendo recebido os açoites, os discípulos deixaram a sala do conselho, cheios de alegria por terem sido dignos de carregar a ignomínia do nome de Cristo, por terem amontoadada sobre eles um pouco da vergonha que esteve sobre seu Senhor. Por isso de modo franco cumpriram sua intenção de não obedecer ao sinédrio e negarem ao seu Mestre. Não deixaram de ensinar e pregar o nome de Cristo Jesus, seu Salvador, diariamente, no templo e nas casas, tanto em público como em particular. A proclamação pública da palavra foi suplementada pela instrução individual, tal como devia acontecer em nossos dias. Notemos: Sem a permissão de Deus, a Palavra de Deus não pode ser impedida. Ele põe suas mãos protetoras sobre os cristãos que proclamam ao mundo a Palavra da Vida.

Resumo: Os hipócritas Ananias e Safira são fulminados pelo juízo de Deus, depois disso os apóstolos são presos pelo sinédrio, libertos pelo anjo do Senhor, se defendem perante o sinédrio, e são soltos depois de açoitados.

Capítulo 6

A Escolha Dos Primeiros Diáconos. At. 6. 1-8.

O assunto é colocado ante a congregação: *V. 1) Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. 2) Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. 3) Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; 4) e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.* Lucas, tendo dado um relato da segunda perseguição que veio sobre os apóstolos, volta-se mais uma vez à sua história sobre o progresso da igreja cristã. Introduce uma nova narração, um novo parágrafo, ou secção. Aconteceu naqueles dias quando o número de discípulos se multiplicava ou crescia muito rapidamente, que surgiu um perigo interno em meio à congregação. “A facilidade pela qual elementos impuros podiam associar-se aos elementos puros na igreja foi proporcionada pelo seu aumento em números. E quando a provisão que fora feita em favor dos pobres se tornou sempre mais ampla, isto, por si mesmo, pode ter atraído muitas pessoas necessitadas.”²⁰⁾ Nesse caso o assunto perturbador e inquietante foi que surgiu na congregação uma murmuração e

²⁰⁾ Schaff, *Commentary, Acts*, 103.

resmungação pública de insatisfação. Na congregação de Jerusalém estavam representadas duas espécies de judeus, a saber, os judeus ou hebreus propriamente ditos, que haviam nascido na Judéia e que haviam crescido nos costumes judeus, e os judeus gregos, ou os helenistas, os judeus nascidos no estrangeiro e de educação grega, que falavam o dialeto grego popular e que, mais ou menos, estavam acostumados com os hábitos gregos de vida. Os hebreus e judeus gregos, no geral, estiveram unidos em plena harmonia no trabalho da congregação, cap. 2. 46; 4; 32. Distinções externas, como riqueza, posição social, língua, costumes de vida, etc., nunca deviam influenciar de modo ofensivo a atividade harmoniosa da igreja. Aqui, porém, surgira uma dificuldade muito peculiar. De modo nenhum fora introduzido o comunismo, mas o que havia era uma provisão plena dos necessitados por meio da liberalidade dos membros mais ricos. Os fundos que, desta maneira, foram juntados estavam aos cuidados dos apóstolos, cap. 4. 35, que os distribuía aos pobres e às viúvas. Em tais condições: o rápido crescimento da congregação, o número crescente daqueles que dependiam da generosidade da congregação, o fato que os judeus gregos pessoalmente não eram tão conhecidos aos apóstolos, algum equívoco facilmente podia ocorrer. Uma ou mais viúvas que se sentiram intituladas a este serviço, haviam sido esquecidas, quando os apóstolos fizeram suas distribuições. Imediatamente o diabo, o espírito de dissensão e disputa, inspirou o pensamento de que isto foi uma desconsideração intencional. Também em nossos dias são feitas queixas e acusações semelhantes, também com fundamento tão insignificante. Enquanto seres humanos falíveis tentam servir a outros seres humanos, que também são tão falíveis, enganos podem acontecer, que deviam ser corrigidos sem murmuração inclemente. Tenha sido a insatisfação qualquer que tiver sido, os apóstolos, da sua parte, não queriam que sobre eles pesasse a suspeição da parcialidade. Por isso convocaram uma assembléia de toda congregação e expuseram o assunto diante dos discípulos. Não foi certo ou apropriado que eles abandonassem, desistissem da palavra de Deus, tanto na pregação pública como na orientação individual, para servir às mesas, para tomar conta dum ministério que, muito vem, podia ser feito por outros. Sua obra maior e principal era a cura d'almas, a pregação do evangelho. Por isso propuseram à assembléia, que eles, como irmãos, devia olhar ao redor por sete homens. As qualificações destes homens são mencionadas pelos apóstolos como sendo, principalmente, três. Precisam ter uma boa reputação tanto dentro como fora da igreja, como homens de uma vida íntegra e sem mácula; precisam estar cheios do Espírito Santo, que lhes concede a misericórdia de Cristo e o poder levar uma vida santa; precisam estar cheios de sabedoria, com saber prático, com bom senso comum que capacita as pessoas a gerir complicados casos de trabalho para que satisfaçam plenamente a todos os envolvidos. Estes homens deviam ser nomeados oficialmente para terem o encargo desta atividade da congregação. Notamos que o lado comercial duma congregação cristã foi enfatizado na primeira reunião mencionada do primeiro corpo que teve este título. “Neste caso esta história é útil e proveitosa para que consideremos o exemplo dos apóstolos com atenção e aprendamos que homens devem ser usados para este ofício, ao qual São Estevão consentiu ser usado.... Ter um bom conceito acontece, quando alguém em tudo se conservou honesto e sem censura, quando alguém, diferentemente do que hoje o mundo comumente faz, não foi vergonhosamente avarento ou, doutro lado, dissipou dinheiro e bens.... A seguir pertence aqui também o Espírito Santo. Pois, ter o Espírito Santo não é outra coisa do que ser um cristão, do que amar a palavra de Deus, de ouvi-la com alegria, de organizar conforme ela a vida, e de manter uma boa consciência. Todas estas coisas são a obra e o fruto do Espírito Santo. Pode, porém, acontecer que uma pessoa tem tanto um bom conceito como também o Espírito Santo, e ainda assim não dá para este ofício; por isso dizem: Tais pessoas também precisam ser sábias, cheias de habilidades e experiência.... Pois este ofício precisa de cabeças práticas, a fim de que seja exercitado com proveito e corretamente. Pessoas impróprias, lerdas, indispostas, negligentes não prestam para este ofício.”²¹⁾ Também em nossos dias estas qualificações deviam ser lembradas, sempre que precisam ser eleitos dirigentes da igreja; existe demais escolha despreocupada e a esmo, com conseqüente insatisfação e prejuízo para a congregação. Enquanto os homens, que desta forma deviam ser apontados, deviam zelar por este serviço especial, o provimento daquelas coisas que eram necessárias para o sustento corporal dos pobres e das viúvas, os próprios apóstolos queriam dedicar seu tempo e energia para a oração e

²¹⁾ Lutero, 13^a. 1060, 1061.

o ministério da palavra; queriam perseverar nestas coisas, excluindo todas as demais. Os pregadores cristãos de todos os tempos têm o ofício do ministério da palavra. Este é o serviço mais importante no reino de Deus; sobre ele pesa a salvação das almas. De modo nenhum é algo pequeno e insignificante proclamar a palavra de Deus perante toda a congregação e também aplicá-la nos casos individuais. E, em acréscimo a isto, este ministério é um ministério de oração. Sobre o pastor repousa a responsabilidade por cada alma na congregação, e ele trará em diária oração e intercessão as necessidades de cada uma e de todas perante o Pai celeste. Serviços existentes na congregação que interferem nesta tarefa principal deviam ser confiados a outras pessoas, às quais o Senhor deu as necessárias qualificações.

A eleição: *V. 5) O parecer agradou a toda a comunidade; e elegeram Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia 6) apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos. 7) Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé. 8) Estevão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo.* Os apóstolos, quando expuseram sua proposição perante a congregação, mesmo sendo os mestres inspirados da igreja, não fizeram quaisquer exigências arbitrarias; não há qualquer evidência de aspirações hierárquicas. A congregação devia decidir neste assunto o que lhe seria proveitoso. Mas a sabedoria quanto à solução foi tão óbvia, que a congregação não hesitou por agir segundo ela: Ela agradou a todos eles. Por isso prosseguiram em eleger, em escolher, sete homens que possuíam as atribuições mencionadas pelos apóstolos: Estevão, do qual enfaticamente é dito que esteve cheio de fé, não fidelidade, mas o crer no Salvador, do qual provém todas as virtudes; Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, sendo o citado por último um prosélito judeu vindo de Antioquia. O notável é que todos os nomes são nomes gregos, e ainda que o argumento não seja conclusivo, é muito provável que a generosidade da congregação levou-os a selecionar para este ofício só judeus de origem grega e gregos. Egoísmo e inveja estiveram totalmente desconhecidos em seu meio. Está em total concordância com a Palavra e a vontade de Deus quando congregações cristãs elegem todos os seus próprios dirigentes e cuidam de todos os seus negócios. E sempre que há perigo de desunião, é muito melhor ceder em coisas que são indiferentes e permitir que só a caridade governe. Os diáconos recém-eleitos foram então colocados perante os apóstolos, que oraram sobre eles com a imposição de mãos. Esta foi uma cerimônia excelente e significativa, por meio da qual foram instalados no ofício, e até hoje está corretamente em prática na igreja cristã, não, porém, por mandamento divino.

Por meio da indicação destes sete dirigentes para a tarefa das diárias ajudas, os apóstolos conseguiram muito tempo para seus encargos diários, para pregar e ensinar e orar, tendo como resultado que seu trabalho foi muito mais eficiente do que antes. A palavra de Deus cresceu em poder, em influência; o número de discípulos aumentou muito em Jerusalém; e até um grande número de sacerdotes foi submisso à fé, aceitou o ensino da fé em Jesus como seu Salvador. Estes sacerdotes, por serem os principais servos da forma antiga, devem ter pertencido aos mais violentos oponentes da igreja, e a conversão deles significou uma vitória imensa de Cristo em meio aos seus inimigos. É especialmente significativo que a maravilhosa mudança é atribuída à palavra de Deus, que atua eficazmente onde quer que é proclamada. Estevão foi, naquele tempo, um dos expoentes mais zelosos da palavra, ele foi um dos sete diáconos que haviam sido eleitos pela congregação. Mais uma vez é enfatizado que ele esteve cheio de fé e de poder. Sua fé em Jesus o Redentor estava solidamente estabelecida. E disso nasceu favor diante de Deus e do homem, bem como probidade e poder. “Poder significa aqui atividade ou ação; como se dissesse: Ele tinha uma fé tão grande, por isso também realizou muito e foi poderoso em obras. Pois lá onde há fé certa, lá a obra também seguirá. E quanto maior a fé, tanto mais é ela ativa no fazer.”²²⁾ Mas, o fato que Estevão foi capaz de realizar milagres e grandes sinais entre o povo, foi uma manifestação especial do poder do Espírito. Deus faz seu trabalho a seu próprio jeito, segundo os seus métodos, e naquele tempo ele para isso precisou a Estevão.

O Testemunho De Estevão. At. 6. 9-15.

²²⁾ Lutero, 12. 193.

V. 9) *Levantaram-se, porém, alguns dos que eram da sinagoga, chamada dos Libertos, dos Cireneus, dos Alexandrinos, e dos da Cilícia e Ásia, e discutiam com Estêvão; 10) e não podiam sobrepor-se à sabedoria e ao Espírito com que ele falava. 11) Então subornaram homens que disseram: Temos ouvido este homem proferir blasfêmia contra Moisés e contra Deus. 12) Sublevaram ao povo, aos anciãos e aos escribas e, investindo, o arrebataram, levando-o ao sinédrio. 13) Apresentaram testemunhas falsas que depuseram: Este homem não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei; 14) porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu. 15) Todos os que estavam assentados no sinédrio, fitando os olhos em Estêvão, viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo.* A atividade que Estêvão desempenhou no interesse do Senhor, não se limitou à congregação. O zelo de cada verdadeiro cristão há de se evidenciar num verdadeiro empenho missionário, no esforço de ganhar por meio de testemunho e por apologia mais crentes para Cristo. Estêvão, em pouco tempo, atraiu a atenção e despertou a inveja e a inimizade dos judeus incrédulos. Entre as muitas sinagogas de Jerusalém (escritores rabínicos afirmam que havia 480) também houve as que eram compostas por judeus vindos de certas regiões da diáspora, visto que naturalmente eram atraídos uns aos outros por meio da língua e dos costumes. Havia uma que consistia de romanos libertos, antigos judeus escravizados que haviam sido levados por Pompeu para Roma; outra fora formada por judeus vindos de Cirene na África; uma terceira delas daqueles que viviam em Alexandria; uma quarta de membros vindos exclusivamente da Cilícia; e uma quinta daqueles que vindos da província da Ásia, junto ao Mar Egeu. Todas estas sinagogas enviaram representantes, provavelmente ao templo, onde eram realizadas as assembléias públicas da congregação, para que debatessem com Estêvão em questionamento litigioso. É mais do que provável que também Saulo de Tarso na Cilícia estivesse entre eles, ele que em ortodoxia e no zelo era o mais fariseu dos fariseus. Mas, fossem quais fossem os argumentos que estes debatedores tão capazes usassem, neste caso não lhes foram de qualquer valia; foram incapazes de resistir ao saber e ao espírito como que falava Estêvão. Pois era o próprio Espírito Santo quem estava presente e que falava em e por meio deste discípulo, Lc. 21. 15. As provas que Estêvão juntou nesta batalha de intelectuais foram de uma natureza tal que não podiam ser questionados pelos oponentes. Todos foram expostos em todos os argumentos e foram obrigados a se retirarem em confusão.

Esta derrota foi um campo em que haviam considerado mestres inquestionáveis nas fileiras dos inimigos de Cristo. Por isso, quando falara a batalha aberta, eles recorreram à difamação e à violência. Deliberadamente subornaram pessoas, contrataram-nos para que repetissem sob juramento certas afirmações, que dirigiram contra Estêvão. Este, provavelmente, afirmara que os verdadeiros cristãos não estão mais sob a lei e advertiu aos judeus descrentes sobre o juízo que iria ferir a cidade santa e o templo. Estas palavras, facilmente, podiam ser torcidas para representarem, segundo o significado dos judeus, uma blasfêmia contra o ensino de Moisés e contra Deus. Tendo esta construção como apoio contra a afirmação de Estêvão, foi coisa fácil agitar, de incitar e comover profundamente, os judeus fanáticos, tanto o povo simples como os anciãos e os escribas. Fazia parte da intenção esperta de, primeiro, ter o apoio do povo, visto que o sinédrio podia agir mais rapidamente se sentisse que neste assunto o povo estivesse do seu lado, e já não mais favorecesse os apóstolos e seus seguidores. Tendo, desta forma, preparado o caminho, repentinamente vieram a Estêvão, surpreenderam-no quando este ainda não desconfiava de qualquer intenção hostil da parte deles, tomaram-no à força, e o trouxeram perante o sinédrio para julgamento. Não tem sentido maior, se o conselho esteve em reunião regular ou se na antecipação desta prisão havia sido convocado. Logo que Estêvão fora chamado para juízo, apresentaram suas testemunhas mentirosas, que haviam sido instruídas cuidadosamente na parte que deviam encenar. E os perjuros seguiram exatamente as ordens recebidas, testificando que haviam ouvido o detido dizer que Jesus de Nazaré iria destruir este lugar completamente, e iria mudar completamente os costumes que lhes haviam sido transmitidos por Moisés. Notemos: Os inimigos de Jesus, evidentemente, haviam aprendido algo do julgamento de Cristo e de experiências subseqüentes. Os fariseus tinham acusações claras que haviam formulado contra Estêvão, e apresentaram testemunhas que haviam sido bem instruídas em sua função. Foi um momento intensamente dramático e impressionante, quando as acusações haviam sido apresentadas completamente e quando todas as provas das

testemunhas haviam sido ouvidas. Os olhares de todos os membros do conselho estiveram firmemente dirigidos sobre Estêvão, esperando, com certeza, que este, de uma ou outra maneira, responderia as acusações. Neste momento Deus deu evidência visível que suportava seu servo e que estaria com ele até o fim. Pois os juizes viram a face de Estêvão como se fosse a face dum anjo. Esta não é uma descrição dum beleza física excepcional, mas dum brilho sobrenatural, semelhante à face de Moisés depois que falara com Deus. Um brilho celeste como este foi próprio ao rosto de alguém a quem fora revelada a glória do Senhor. Notemos: Assim como Estêvão, cada pregador cristão que testemunha corajosamente a respeito de Cristo e sua palavra, pode facilmente se ver envolvido em lutas com os inimigos de Cristo. E quando os descrentes foram vencidos pelos fatos tirados da palavra de Deus, então tentam tomar vingança por meio de ameaça e blasfêmia, e, caso for possível, tentam suprimir com violência a verdade. Há muita testemunha de Cristo por aí que, desta forma, foi mercado como um blasfemo e um traidor, e como um rebelde tanto por tribunais espirituais como temporais.

Resumo: Para remediar uma necessidade urgente, a congregação de Jerusalém, seguindo a sugestão dos apóstolos, elege sete diáconos para atender os pobres e as viúvas, um dos quais, Estêvão, testifica de Cristo e é convocado ao sínédrio.

Capítulo 7

A Defesa De Estêvão E Sua Morte. At. 7. 1-60.

Estêvão se reporta ao chamado de Abraão: *V. 1) Então lhe perguntou o sumo sacerdote: Porventura é isto assim? 2) Estêvão respondeu: Varões irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, 3) e lhe disse: Sai da tua terra e da tua parentela, e vem para a terra que eu te mostrarei. 4) Então saiu da terra dos caldeus e foi habitar em Harã. E dali, com a morte de seu pai, Deus o trouxe para esta terra em que vós agora habitais. 5) Nela não lhe deu herança, nem sequer o espaço de um pé; mas prometeu dar-lhe a posse dela, e depois dele à sua descendência, não tendo ele filho.* Tendo as acusações sido apresentadas, o presidente do sínédrio, que foi o sumo sacerdote, deu permissão a Estêvão para respondê-las. E Estêvão inicia sua fala de defesa com uma saudação respeitosa aos juizes, dos quais alguns estavam no mesmo dele quanto à idade e posição, podendo, em vista disso, corretamente serem chamados de irmãos, enquanto outros estavam em idade venerável, e por isso deviam ser chamados como pais. As palavras iniciais de sua fala tornam claro que ele deseja corrigir algumas noções prevalecentes. A glória de Deus na nuvem da aliança, o assim chamado *shechinah*, não esteve restrito ao tabernáculo ou ao templo, mas o Deus da glória, aquele que possui ilimitada majestade divina, se revelou também em outros lugares, quando bem convinha aos seus propósitos. Foi assim que ele apareceu a Abraão enquanto este ainda vivia na Mesopotâmia, em Ur dos caldeus, antes que toda sua família se mudasse para *Charran*, ou Harã, Gn. 11. 31; 12. 1. Em *Charran* Abraão recebera a ordem do Senhor para deixar tanto sua terra como seus parentes, e para mudar para uma terra que até Terá, antes de morrer, já tivera em mente. Desta forma Abraão, naquele tempo Abrão, completara a mudança para a terra de Canaã, onde viveu como um estrangeiro entre os cananitas, não tendo como seu tanto que bastasse para colocar seu pé. De fato é verdade que tanto Abraão como Jacó possuíam pequenas porções de terra em Canaã, mas eles as haviam comprado, não como dom de Deus, sendo Abraão até obrigado a comprar uma sepultura para sua esposa, Gn. 23. Foi assim, que a promessa de Deus a Abraão, de que ele, e os seus descendentes depois dele, deveriam possuir a terra como posse, feita num tempo quando ele nem mesmo filho próprio tinha, requereu uma fé muito forte.

A promessa a Abraão: *V. 6) E falou Deus assim, que a sua descendência seria peregrina em terra estrangeira, onde seriam escravizados e maltratados por quatrocentos anos; 7) eu, disse Deus, julgarei a nação da qual foram escravos; e depois disso sairão daí e me servirão neste lugar. 8) Então lhe deu a aliança da circuncisão; assim nasceu Isaque, e Abraão o circuncidou ao oitavo dia; de Isaque procedeu Jacó, e deste os doze patriarcas.* As promessas de Deus proveram para Abraão uma provação de fé após outra. O Senhor lhe disse,

muito tempo antes que tivesse um filho, que seus descendentes seriam escravizados em terra estranha, onde seriam detidos por um espaço de mais ou menos quatrocentos anos, Gn. 15. 13, 16, que é o número exato dado em outras passagens das Escrituras, Gl. 3. 17. Incidentalmente, contudo, houve conforto para Abraão no fato que Deus prometeu julgar, de proferir a sentença de condenação sobre, os cruéis patrões, de fazer sair seu povo, eventualmente, para servir, para adorar, a ele em seu lugar, em Jerusalém, Ex. 3. 12. Deus deu a Abraão, ainda mais tarde, a aliança e o rito da circuncisão, como sendo o primeiro sacramento da igreja do Antigo Testamento, e quando, finalmente, nasceu Isaque, este foi recebido por meio deste rito na aliança. E assim, Jacó foi gerado no devido tempo, e, finalmente, os doze patriarcas, os filhos de Israel.

A história de Jacó e de José: *V. 9) Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egito; mas Deus estava com ele, 10) e livrou-o de todas as suas aflições, concedendo-lhe também graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador daquela nação e de toda a casa real. 11) Sobreveio, porém, fome em todo o Egito; e, em Canaã, houve grande tribulação, e nossos pais não achavam mantimentos. 12) Mas, tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo, enviou a primeira vez os nossos pais. 13) Na segunda vez José se fez reconhecer por seus irmãos, e se tornou conhecida de Faraó a família de José. 14) Então José mandou chamar a seu pai, Jacó, e toda a sua parentela, isto é, setenta e cinco pessoas. 15) Jacó desceu ao Egito, e ali morreu ele e também nossos pais; 16) e foram transportados para Siquém e postos no sepulcro que Abraão ali comparara a dinheiro aos filhos de Emor.* O relato prossegue tendo a mesma força atraente e vívida que teve antes, e sendo da mesma forma resumida de modo igualmente habilidoso. Os irmãos de José estavam invejosos por causa do favor que seu pai lhe deu, e num acesso de inveja o venderam aos midianitas e assim, por meio deles, ao Egito, Gn. 37. 4. 11, 28. Porém, como Estêvão enfatiza, também aqui Deus estava com José, livrando-o de todos os seus infortúnios e tribulações, que também caíram sobre ele na terra de sua escravidão, dando-lhe tanto favor como sabedoria ante Faraó, o rei do Egito. O escravo hebreu, ignorado algumas horas antes, foi feito governante do Egito e administrador da própria casa do rei. Então veio a fome, que feriu não só o Egito, mas também a Canaã, causando grande sofrimento, tornando raro não só o pão regular, mas todo sustento feito de cereal. Mas quando a notícia foi trazida que o Egito estava provido de cereal para alimento, Jacó enviou seus filhos até lá pela primeira vez, Gn. 42. 1. José se deu a reconhecer na segunda vinda, um fato que a Faraó também tornou conhecidas a família e a origem de José. Foi então que José mandou buscar seu idoso pai e todos os seus parentes ao Egito. Aqui Estêvão não contradiz Gn. 46. 27, onde são mencionados só setenta almas, mas segue a tradução grega do Antigo Testamento, a assim chamada Septuaginta, que, desta forma, é comprovada pelo Espírito de Deus. Pois, o texto, quando registra o número setenta e cinco, segue o modo do relato de Gênesis, e inclui os dois filhos de Manasses, os dois filhos de Efraim, e o neto deste último. Jacó, tendo mudado para o Egito, lá morreu no tempo determinado, e todos os seus filhos também morreram. Com base num pedido e promessa especial que Jacó recebera sob juramento de José, seu corpo foi levado a Canaã e sepultado na caverna no campo de Macpela, Gn. 50. 13. Abraão comprara este caverna de Efrom o hitita, Gn. 23. 16. Jacó comprara um pedaço de campo de Emor, ou Hamor, o pai de Siquém, de quem toda a região recebeu o nome, Gn. 33. 19. José foi sepultado ali, e muito provavelmente também todos os demais filhos de Jacó, Js. 24. 32, como relata Jerônimo, que no quarto século viveu na Palestina. É assim que os dois relatos são reduzidos num só no breve relato de Estêvão.

O nascimento e juventude de Moisés: *V. 17) Como, porém, se aproximasse o tempo da promessa que deus jurou a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito, 18) até que se levantou ali outro rei que não conhecia a José. 19) Este outro rei tratou com astúcia a nossa raça e torturou os nossos pais a ponto de forçá-los a enjeitar seus filhos, para que não sobrevivessem. 20) Por esse tempo nasceu Moisés, que era formoso aos olhos de Deus. Por três meses foi ele mantido na casa de seu pai; 21) quando foi exposto, a filha de Faraó o recolheu e criou como seu próprio filho. 22) E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras.* Depois da morte de Jacó, de José e dos patriarcas, a peregrinação dos filhos de Israel no Egito foi por vários séculos bastante agradável. Mas assim como, na mesma medida em que, o tempo de sua permanência, conforme a promessa de Deus, se aproximava do fim, o povo cresceu e se tornou abundante no Egito. Seu

rápido aumento correspondeu à rápida aproximação do tempo fixado por Deus. Este crescimento notável era conforme a promessa dada por Deus a Abraão. Isto continuou até que se levantou um rei diferente no Egito; por meio duma conquista se estabeleceu uma nova dinastia. Foi muito natural que o novo faraó não soube e não se preocupou com José e a bênção que este trouxera à terra do Egito, estando muito mais preocupado com a rápida multiplicação do povo estranho que ocupava uma parte considerável da terra. Foi assim, que ele encontrou um esquema que, certamente, foi um estratagema esperto quando olhado do ponto de visto dos egípcios, ainda que resultou num mau trato dos filhos de Israel, trazendo aflições de toda ordem, cuja culminância, de certo modo, foi a ordem de atirar no Nilo as crianças, todos os meninos que nasceram aos israelitas, tendo como objetivo que não se conservassem vivos. Foi, quando as coisas chegaram a este ponto, que nasceu Moisés, em conformidade com o plano de Deus de libertação dos judeus, como indicam as palavras de Estêvão, visto que ele era muitíssimo lindo, lindo para Deus, ou seja, no julgamento de Deus; tinha não somente beleza corporal extraordinária, mas eram muito favoráveis as indicações duma dotação mental impar. Sua mãe escondeu-o por três meses e o alimentou, deu-lhe todo o cuidado que uma criança deve ter. E quando finalmente o mostrou, isto aconteceu, pela direção de Deus, num lugar onde *Thermuthis*, a filha de faraó, achou a criança, tirou-o de seu pequenino barquinho, e o criou para ser seu próprio filho. Se não de fato, ela praticamente o adotou. Moisés, na qualidade de filho adotivo da princesa, gozou de vantagens incomuns, e Estêvão suplementa aqui o relato do Antigo Testamento. Moisés foi criado, ensinado, educado em toda sabedoria dos egípcios, freqüentando muito provavelmente suas grandes escolas de saber, que correspondem às nossas modernas universidades, recebendo, desta forma, um aprendizado mental que não tinha seu igual no mundo daqueles dias. Notemos: Esta instrução tão completa mais tarde foi útil para Moisés, pois já então foi válido, como o é hoje, que todas as artes e ciências do mundo devem servir à maior de todas as ciências, que é a teologia, e à pregação do evangelho. O efeito, no caso de Moisés, certamente justificou feitas em seu favor, pois ele era poderoso em palavras e em obras. Estava cheio de vigor e energia na execução de qualquer projeto, mesmo que tenha tido falta na facilidade de se expressar, Ex. 4. 10. O que lhe faltava em graça e elegância, isso ele mais do que compensou com sua profundidade e poder. Moisés é nisso um modelo para todos os homens que Deus colocou em posições de liderança em sua igreja.

Moisés tenta libertar seu povo: *V. 23) Quando completou quarenta anos, veio-lhe a idéia de visitar seus irmãos, os filhos de Israel. 24) Vendo um homem tratado injustamente, tomou-lhe a defesa e vingou o oprimido, matando o egípcio. 25) Ora, Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar, por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam. 26) No dia seguinte, aproximou-se de uns que brigavam, e procurou reconduzi-los à paz, dizendo: Homens, vós sois irmãos; por que vos ofendeis uns aos outros? 27) Mas o que agredia ao próximo o repeliu, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz sobre nós? 28) Acaso queres matar-me, como fizeste ontem ao egípcio? 29) A estas palavras Moisés fugiu e tornou-se peregrino na terra de Mídia, onde lhe nasceram dois filhos.* Aqui são brevemente revistos os acontecimentos narrados em Ex. 2. Todo o treinamento de Moisés ocorrido sob a direção de sua mãe adotiva pode ter durado até que ele alcançou quase quarenta anos, visto que eram dedicados muitos anos para o estudo da matemática, da filosofia natural e da medicina, que todos são ramos em que os avanços feitos pelos egípcios são mais do que notáveis. Mas, durante todo este tempo, ele deve ter estado completamente ciente de seu parentesco, visto que sua própria mãe fora sua ama e, sem dúvida, lhe transmitiu a promessa do Senhor e a profecia sobre a libertação de seu povo da servidão no Egito. Por isso, quando Moisés alcançou os quarenta, surgiu em seu coração a idéia de dar consideração, de visitar seus irmãos, os filhos de Israel. Dificilmente pode ser assumido que tivera naquele tempo alguma revelação do Senhor sobre a sua futura posição entre os irmãos escravizados, ainda que no tempo de Estêvão houve uma tradição judaica que afirmava que Anrão, o pai de Moisés, tivesse recebido alguma intimação da parte de Deus de que seu filho seria o líder na libertação dos judeus. Moisés, fazendo isto, viu que um de seus irmãos estava sendo maltratado, e ele prontamente se lançou em sua defesa. Exerceu sentença rápida e vingança pelo oprimido matando o egípcio que transgredira sua autoridade. Notemos: O ato de Moisés neste momento não foi um assassinato, pois ele era um príncipe egípcio com poder absoluto sobre a vida e a morte, mas é por causa dele censurado neste ponto pelas Escrituras, porque foi um ato

temerário, visto que não tinha o direito de antecipar a providência de Deus, simplesmente por causa de suas crenças pessoais quanto ao divino destino de Israel. O feito de Moisés foi prematuro e não autorizado. Supôs que seus irmãos entenderiam que Deus lhes estava dando salvação, libertação pelas suas mãos, mas eles não o entenderam; eles se melindraram com a interferência do príncipe do Egito como um intrometimento não autorizado. Por isso, quando tentou, no dia seguinte, reconciliar dois israelitas que brigavam, e, repreendendo-os gentilmente, tentou estabelecer a paz, dizendo: Homens, vós sois irmãos, por que quereis o mal um ao outro? ele se viu frente a uma recusa decidida: Quem te estabeleceu como governante e juiz sobre nós? Seus compatriotas, longe de se colocar sob sua liderança e lutar por liberdade, rejeitaram com veemência todas as suas ofertas e até cooperaram em tornar públicos os seus esforços em favor deles. Por isso Moisés fugiu e se tornou um estranho na terra de Mídia, no deserto, onde se casou com uma moça nativa e foi o pai de dois filhos, Ex. 2. 22; 4. 25; 18. 3-5. Moisés fugiu do Egito, porque já não tinha mais nada a esperar do seu próprio povo e também porque sua vida já não estava mais segura. Muitas das coisas que em si não dignas de elogio que são sem sucesso quando feitas por iniciativa do próprio homem, mas depois, no tempo de Deus, as mesmas coisas são levadas a um fim bem sucedido. Zelo não conforme com a sabedoria pode causar tanto mal como a demora e a procrastinação.

O chamado de Moisés: *V. 30) Decorridos quarenta anos, apareceu-lhe no deserto do monte Sinai um anjo, por entre as chamas de uma sarça que ardia. 31) Moisés, porém, diante daquela visão ficou maravilhado e, aproximando-se para observar, ouviu-se a voz do Senhor: 32) Eu sou o deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Moisés, tremendo de medo, não ousava contemplá-la. 33) Disse-lhe o Senhor: Tira a sandália dos teus pés; porque o lugar em que estás, é terra santa. 34) Vi, com efeito, o sofrimento do meu povo no Egito, ouvi o seu gemido, e descí para libertá-lo. Vem agora e eu te enviarei ao Egito.* Quando se haviam cumprido quarenta anos, e Moisés já vivera quarenta anos no deserto próximo ao Monte Sinai, então também conhecido como Horebe, ocorreu-lhe uma experiência estranha. O anjo do Senhor, Ex. 3. 2, no sentido especial da palavra chamado *o* anjo, o que indica a revelação do Filho de Deus no Antigo Testamento, lhe apareceu numa chama de fogo numa moita, numa moita de espinhos que parecia estar todo em chamas. O fenômeno causou a admiração de Moisés e levou-o a aproximar-se para observar mais de perto o acontecido. E então, do meio da moita, veio-lhe a voz do Senhor, designando-se como o Deus de Abraão, e de Isaque e de Jacó. Moisés, agora completamente apavorado, nem mesmo se atreveu a olhar atentamente ou a investigar o milagre. Porém o Senhor imediatamente lhe deu sua incumbência, pedindo-lhe antes de tudo tirar suas sandálias, visto que o lugar onde estava parado era chão santo. A seguir, com toda solenidade e efeito, veio o próprio chamado do Senhor: Tendo em vista que eu vi (Tive mais do que suficiente evidência de) a aflição do meu povo no Egito, e ouvi seus suspiros, e descí para libertá-los; por isso, agora, vem cá, eu te enviarei ao Egito. Aquilo que Moisés esperara e tentara realizar sem sucesso por seu próprio poder, agora estava para se cumprir pela vontade de Deus, e conforme sua promessa. Isto agora era algo que estava no plano de Deus, não uma opção de homem, e tendo, por isso, o poder de Deus para suportar o chamado. Cada servo do Senhor, tendo o chamado de Deus como seu apoio, tendo a ordem e a promessa de Deus, pode partir tendo confiança cordial no sucesso certo de sua aventura.

O libertador Moisés: *V. 35) A este Moisés, a quem negaram reconhecer, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz? a este enviou Deus como chefe e libertador, com a assistência do Anjo que lhe apareceu na sarça. 36) Este os tirou, fazendo prodígios e sinais na terra do Egito assim como no Mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos.* Tendo como objetivo caracterizar os judeus e enfatizar seu ponto de que eles sempre foram um povo desobediente e obstinado, Estêvão descreve a nação toda como estando envolvida na primeira rejeição a Moisés. Havia-se negado e recusado a reconhecê-lo como governante e juiz; Deus, porém, tomando em suas mãos o caso, fê-lo não só o líder ou governante, mas, além disso, deu-lhe mais do que as funções dum mero juiz: Ele o enviou como o libertador deles, tendo a mão apoiadora protetora daquele Anjo que lhe aparecera na moita. E Moisés realizou com sucesso seu trabalho de libertador. Conduziu os israelitas para fora do Egito, depois de ter operado milagres e sinais no Egito, como um juízo sobre Faraó, continuando a operá-los junto ao Mar Vermelho e durante toda a viagem pelo deserto, a qual durou quarenta anos. Foi exatamente a pessoa que os israelitas haviam rejeitado e praticamente haviam entregue nas mãos de Faraó

para ser executado, que foi a pessoa pela qual foram resgatados da servidão egípcia. Facilmente poder ser feita a aplicação ao caso paralelo de Jesus, que Estêvão provavelmente tinha em mente.

A desobediência dos judeus: *V. 37) Foi Moisés quem disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim. 38) É este Moisés quem esteve na congregação no deserto, com o Anjo que lhe falava no monte Sinai, e com nossos pais; o qual recebeu palavras vivas para no-las transmitir. 39) A quem nossos pais não quiseram obedecer, antes o repeliram e nos seus corações voltaram para o Egito, 40) dizendo a Arão: Faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque, quando a este Moisés, que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu. 41) Naqueles dias fizeram um bezerro e ofereceram sacrifício ao ídolo, alegrando-se com as obras das suas mãos.* O fervor apaixonado dos argumentos de Estêvão aumenta com a progressão de seu discurso de defesa. Ele está pregando a lei, e não tem a menor intenção de atenuar, por meio do alívio de qualquer uma das circunstâncias, as pancadas de seu malho, até ter destacado o que lhe interessa. Ele chama mais uma vez a atenção de seus juízes, que foi Moisés quem se referiu ou profetizou sobre um outro profeta, semelhante a ele, cap. 3. 22, pedindo com insistência que a este deviam obedecer, sendo Moisés, desta forma, um apoiador das asseverações de Cristo. Foi, novamente, Moisés quem, no deserto no meio da congregação ou da assembléia dos filhos de Israel, sozinho gozou da familiaridade e do aconchego do Anjo glorioso do Senhor que, anteriormente, lhe falara no Monte Sinai, e que agora falou, como o Deus todo-poderoso, a nação inteira reunida. Foi, mais uma vez, Moisés quem recebeu as palavras vivas, os oráculos ou declarações vivas da boca de Deus, para que as repassasse ao povo. As leis dos judeus não foram tencionadas para serem uma letra morta, semelhante às comunicações que os sacerdotes pagãos julgavam receber de seus deuses, mas possuem poder e eficácia vitais. Mas os israelitas os pais da presente raça, apesar de todas estas expressas manifestações e testemunhos de Deus, para confirmar o chamado de Moisés e estabelecer sua posição entre o povo, como Estêvão observa, não quiseram obedecer a Moisés, porém o desprezaram, rejeitaram, e voltaram seus corações ao Egito. Exigiram junto a Arão, que lhes fabricasse alguma espécie de deuses que no futuro poderiam considerados seus governantes e líderes pelo deserto, visto que Moisés se demorava tanto no monte a ponto de, como de modo petulante observam, não mais saberem que destino lhe possa ter ocorrido. E foi assim, que eles, por meio das mãos de Arão, que se mostrou uma ferramenta disposta, fizeram naqueles dias a figura dum bezerro, e trouxeram ofertas queimadas ao ídolo e jubilaram, ou tiveram seu grande prazer e alegria, nas obras de suas próprias mãos. É intencional da ironia de Estêvão, visto que uma de suas acusações é que os judeus de seus dias também colocaram sua confiança em coisas externas e esperavam ser salvos por causa da observância externa de certos costumes e cerimônias, muitas das quais eles próprios haviam inventado. Existe sempre o perigo, em especial numa igreja que já existe por algum tempo, numa ortodoxia morta, numa adesão às formas externas quando a vida já desapareceu.

A rejeição de Deus de seu povo: *V. 42) Mas Deus se afastou e os entregou ao culto da milícia celestial, como está escrito no livro dos profetas: Ó casa de Israel, porventura me ofereceste vítimas e sacrifícios no deserto pelo espaço de quarenta anos, 43) e acaso não levantastes o tabernáculo Moloque e a estrela do deus Renfã, figuras que fizestes para as adorar? Por isso vos desterrarei para além de Babilônia.* Aqui Estêvão complementa o relato do Pentateuco, dos livros de Moisés, com uma passagem do profeta Amós, cap. 5. 25, 26. Deus, depois desta flagrante exibição de desobediência, se afastou de seu povo. Foi uma forma de seu juízo, quando lhes permitiu andar no caminho da idolatria; que ele desistiu deles ou os abandonou, foi uma maldição sobre a dureza de coração deles, para que adorassem os exércitos dos céus, que foi o culto às estrelas, como era praticado no Egito, na Caldéia e na Fenícia. Fora deles que Amós escrevera: Porventura me ofereceste realmente animais imolados e sacrifícios por quarenta anos no deserto? Foi, como se dissesse: Como podiam eles ser genuínos, verdadeiros e aceitáveis, enquanto os afetos do povo estavam longe do Senhor, totalmente dedicados na adoração dos ídolos? Por isso o Senhor responde sua própria pergunta: Porque os israelitas só fingiam estar interessados no verdadeiro culto, o próprio tabernáculo de Deus, de fato, se lhes tornou um tabernáculo de Moloque, da divindade babilônia que, por meio de costumes revoltantes, foi adorada por muitas nações gentias, Jr. 32. 35; Lv. 18. 21. Os israelitas, desta forma, também trouxeram consigo uma figura de Renfã, seu deus astro, que,

assim parece, foi o nome assírio do planeta Saturno. Serviram a tais figuras, dando-lhes a adoração que só deve ser dada a Deus. Por isso veio sobre eles o castigo da rejeição de Deus, que os levou, exilou, não só para além de Damasco, como escrevera o profeta, mas também para além da Babilônia, como Estêvão acrescenta com base da evidência da história. Foi a condenação feita por Deus sobre uma nação idólatra, sendo uma lição para todas as eras do mundo.

O tabernáculo e o templo: *V. 44) O tabernáculo do testemunho estava entre nossos pais no deserto, como determinara aquele que disse a Moisés que o fizesse segundo o modelo que tinha visto. 45) O qual também nossos pais, com Josué, tendo-o recebido, o levaram, quando tomaram posse das nações que Deus expulsou da presença deles, até aos dias de Davi. 46) Este achou graça diante de Deus e lhe suplicou a faculdade de prover morada para o Deus de Jacó. 47) Mas foi Salomão quem lhe edificou a casa. 48) Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta: 49) O céu é o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? 50) Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas?* Estêvão, tendo um objetivo em mente, retoma a citação das várias casas de oração entre os judeus, visto que lhes quer mostrar que o apego sobre as diversas formas de adoração exterior são vãs quando não há a verdadeira fé no coração. Os filhos de Israel tiveram esta vantagem no deserto: tinham o tabernáculo do testemunho, onde o próprio Deus apareceu e testemunhou de si. Haviam-no construído exatamente como Deus, em sua longa conversa com Moisés, Ex. 25. 40, lhe havia mostrado e ordenado. Moisés vira o modelo e a planta da tenda toda e de todas as suas prescrições, sendo que ela foi feita conforme isto. E este mesmo tabernáculo, a guarda do qual Moisés confiara ao povo, eles trouxeram consigo quando entraram na Terra Prometida sob a liderança de Josué e ocuparam as antigas posses dos gentios. O Senhor, gradativamente, tocou para fora, ou expulsou, diante dos filhos de Israel durante certo número de séculos, no tempo dos juízes e de Saul, até ao tempo de Davi, que foi o amado do Senhor. Neste tempo a conquista da terra praticamente havia sido completada, as nações que não haviam sido destruídas haviam sido subjugadas. Foi então que Davi, visto ter achado favor diante de Deus e era considerado em alta estima diante dele, não só sinceramente desejou, mas até pediu para encontrar, para construir um tabernáculo permanente ao Senhor; e se o templo realmente teve o valor que lhe foi concedido pelos judeus posteriores, então se poderia esperar que Deus dera para isso o seu consentimento. Mas o templo não foi construído por Davi, mas por Salomão, 2.Cr. 6. 7-9. Estêvão, contudo, quer que seus ouvintes recordem que a presença do Deus altíssimo não está confinada a qualquer construção, mesmo que este seja do tamanho e da beleza do templo de Salomão. Isto o construtor do primeiro templo já confessara, 1.Rs. 8. 27; 2.Cr. 6. 18. E o profeta Isaías escrevera no mesmo sentido, cap. 66. 1, 2: O céu para mim é um trono e a terra um estrado para os meus pés; que espécie de casa me edificareis, diz o Senhor, ou que lugar para o meu descanso? Acaso não criou minha mão tudo isto? Não podia ser destacada com maior vigor, do que o fazem estas palavras, a total tolice dos judeus de fixar sua fé no templo que tomara o lugar daquele de Salomão e sobre a cidade em que fora edificado. O culto todo dos judeus degenerara para se tornar uma mera observância de formas e costumes, sem vida e sem força. E Estêvão, com poucas palavras fortes mas muito apropriadas, havia rascunhado a situação, a fim de apresentá-la aos olhos de seus juízes tal como ela atualmente era.

A peroração: *V 51) Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo, assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. 53) Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos, 53) vós que recebestes a lei por ministério de anjos, e não a guardastes.* Estêvão acabara de revisar toda a história dos judeus, mostrando-lhes a maneira em que sempre agiram para com Deus e o guia que o Senhor lhes dera, confiando, sem dúvida, sobre formas exteriores e sobre cerimônias, ligados a um santuário visível, como justificação ante Deus. Por isso a justa indignação de Estêvão alcance seu auge neste ponto de sua narração. Com ousadia diz aos seus juízes que são teimosos, obstinados, refratários e indispostos para dar ouvidos à razão, Ex. 33. 3, 5; 34; 9: Dt. 9. 6. Além disso, são incircuncisos tanto quanto ao coração e aos ouvidos, Lv. 26. 41; Jr. 6. 10; Ez. 44. 7, 9. Estes foram termos severos e cheios de censura e humilhação, que

colocaram os líderes dos judeus numa mesma classe com as nações gentias e com os judeus que foram apóstatas. Estêvão corrobora esta denúncia severa com a acusação de que eles sempre, continuamente, resistiam ao Espírito Santo, literalmente, atravessando-se no caminho dele, contra ele, obstruindo desta forma a ação de sua graça nos corações deles. O Espírito Santo teve o desejo de também converter estes inimigos de Cristo; ele lhes deu todas as evidências de sua vontade graciosa para com eles fazendo com que o evangelho lhes fosse pregado por um tão longo espaço de tempo; mas eles, deliberadamente, voluntariamente, se recusaram em dar ouvidos ao seu chamado. E nisso estavam seguindo a seus pais, de cuja desobediência e obstinação Estêvão citou bom número de casos. Os judeus haviam perseguido a cada um dos antigos profetas, de uma ou outra forma, e aos que proclamaram antecipadamente sobre a vinda do Justo eles haviam morto. Os profetas predisseram a vinda de Jesus Cristo, o Justo e Santo, e a retribuição deles, ao alcance de mão dos compatriotas deles, foi a morte. Mas o espírito destes ancestrais ainda estava vivo, pois os que estavam sentados no conselho para julgar o caso presente se haviam tornado os traidores e assassinos deste mesmo justo e santo Cristo. E não só isto, mas Estêvão declarou que a própria lei, da qual tanto se orgulhavam, a qual haviam recebido pelo ministério de anjos, provavelmente assim que o Senhor falou pela boca de anjos quando proclamou a lei no Monte Sinai, sim, a esta lei eles não guardaram. Estêvão, desta forma, numa irrupção de magnificente eloquência, pregou a lei a estes hipócritas endurecidos do sínédrio, para operar neles um verdadeiro conhecimento dos seus pecados, o que poderia ter o efeito de levá-los ao arrependimento e à fé. Notemos: O sermão de Estêvão admoesta a nós cristãos a sermos atenciosos para com as grandes bênçãos de Deus sob a nova dispensação, para que nós também não nos tornemos indiferentes e a seguir empedernidos, e finalmente resistamos à obra do Espírito Santo.

A glória de Deus revelada a Estêvão: *V. 54) Ouvindo ele isto, enfureciam-se nos seus corações e rilhavam os dentes contra ele. 55) Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à sua direita, 56) e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus.* A fala de Estêvão provavelmente ainda não findara, como ele o quis, mas a crescente impaciência e a murmuração de seus ouvintes não lhe permitiram concluir de modo tal que pudesse colocar Jesus em maior proeminência. Pois as palavras impetuosas do acusado feriram os juizes até a alma, literalmente, serraram-lhes os corações em pedaços. Em ira incontrolável rilharam os dentes em direção dele, cortando-lhe, desta forma, toda e qualquer futura tentativa de corretamente fazer seu discurso. Aqui, porém, foi concedida uma graça especial a Estêvão, uma manifestação do poder do Espírito Santo, que o levou a desconsiderar e esquecer completamente o que o circundava, e uma revelação tão especial da glória de Deus como foi concedida a bem poucas pessoas. Ele firmemente fixou seus olhos para cima ao céu e viu lá a glória e a majestade de Deus e Jesus parado à mão direita de Deus, como se estivesse preparando-se para assistir e receber seu servo, tal como o expõe um comentarista. Estêvão testificou, numa irrupção de êxtase, daquilo que seus olhos contemplavam por graça especial de Deus. Ele chamou Jesus de o Filho do homem, o Redentor, o qual, conforme as duas naturezas, conseguiu uma redenção perfeita para todas as pessoas. Notemos: Jesus, à mão direita do Pai, está pronto para receber de braços de amor abertos a todos aqueles que confiam na salvação que ele adquiriu. Onde ele está, lá também estará o seu servo. Ele tem o desejo de recebê-los em seu reino, para que vejam sua glória bem como a glória e a majestade do Pai. Desta forma os cristãos, pelos méritos de Cristo, são levados deste vale de lágrimas ao lar celeste deles.

O apedrejamento de Estêvão: *V. 57) Eles, porém, clamando em alta voz, taparam os ouvidos e unânimes arremeteram contra ele. 58) E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem, chamado Saulo. 59) E apedrejaram a Estêvão que invocava e dizia: Senhor Jesus recebe o meu espírito! 60) Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. Com estas palavras adormeceu.* O anúncio final de Estêvão, a respeito da visão que lhe foi concedida, fez ferver a ira dos juizes numa tempestade de fúria. O fato que este homem recebeu tal bênção diante dos próprios olhos deles levou-os a esquecer a dignidade, a justiça, a humanidade, e todas as virtudes das quais em geral se orgulhavam. Berraram em alta voz, a fim de suprimir qualquer tentativa de Estêvão para se fazer ouvir em meio a algazarra e confusão que resultou. Conservaram seus ouvidos completamente tampados para que nenhuma palavra de seus odiados lábios pudesse penetrar.

De comum acordo se arremessaram contra ele, semelhante a uma manada de gado bravio sobre o qual se perdeu qualquer controle. Lançaram-no fora da cidade, e lá o apedrejaram. Este procedimento não tem nem mesmo uma aparência de direito. Colidiu contra todas as normas da lei criminal judaica.²³⁾ Também não pode ser chamado uma execução. Tão somente pode ser descrito com a palavra “assassinato”, cometido por uma turba furiosa, em violação da lei toda. A turba, ainda assim, reteve tanta sanidade que se ateuve a algumas formas da lei, que são, que levaram o prisioneiro para fora da cidade e requereram que as testemunhas começassem o apedrejamento. Está expressamente dito que as testemunhas, ao se aprontarem para seu ataque assassino, deixaram suas vestes soltas externas aos pés dum jovem de nome Saulo. Quanto a Estêvão, morreu a morte dum verdadeiro mártir cristão. Enquanto as pedras voavam de todos os lados, e depois que fora atingido, ele clamou em alta voz, na pessoa de Jesus, seu Salvador, como seu Senhor e Deus. Sua primeira prece foi que o Senhor Jesus, o Cristo exaltado, recebesse seu espírito. Depois, tendo desta forma confiado sua alma ao melhor cuidado, ele concede que seu último suspiro seja uma intercessão por seus assassinos. Caindo sobre seus joelhos, exclamou em alta voz, que, ao menos dos presentes, ecoou nos ouvidos por anos a fio: Senhor, não lhes imputes este pecado. A seguir adormeceu calmo em seu Salvador. Foi assim que Estêvão se tornou o primeiro mártir da igreja cristã. Desde aquele tempo, milhares de cristãos têm sido martirizados por causa do nome de Jesus. E a morte deles nos ensina uma lição, a saber, o de sacrificar de bom grado as posses e fortunas temporais por amor ao Senhor. No fim recebemos tudo quanto uma recompensa misericordiosa pode derramar sobre nós, que é o próprio céu com todas as suas glórias. “Finalmente, aqui há um lindo consolo, que São Estêvão enxerga aqui os céus abertos, e que ele adormeceu. Aqui devemos marcar que nosso Senhor Deus está conosco, quando cremos, e que a morte não é morte para os que crêem. Desta forma descrevemos aqui nesta história todo o evangelho – fé, amor, cruz, morte e vida.”²⁴⁾

Resumo: Estêvão profere um discurso eloqüente de defesa, que irrita os membros do sinédrio a ponto de o expulsarem da cidade e o apedrejarem.

²³⁾ Edersheim, *The Temple*, 67.

²⁴⁾ Lutero, *II*. 2077.